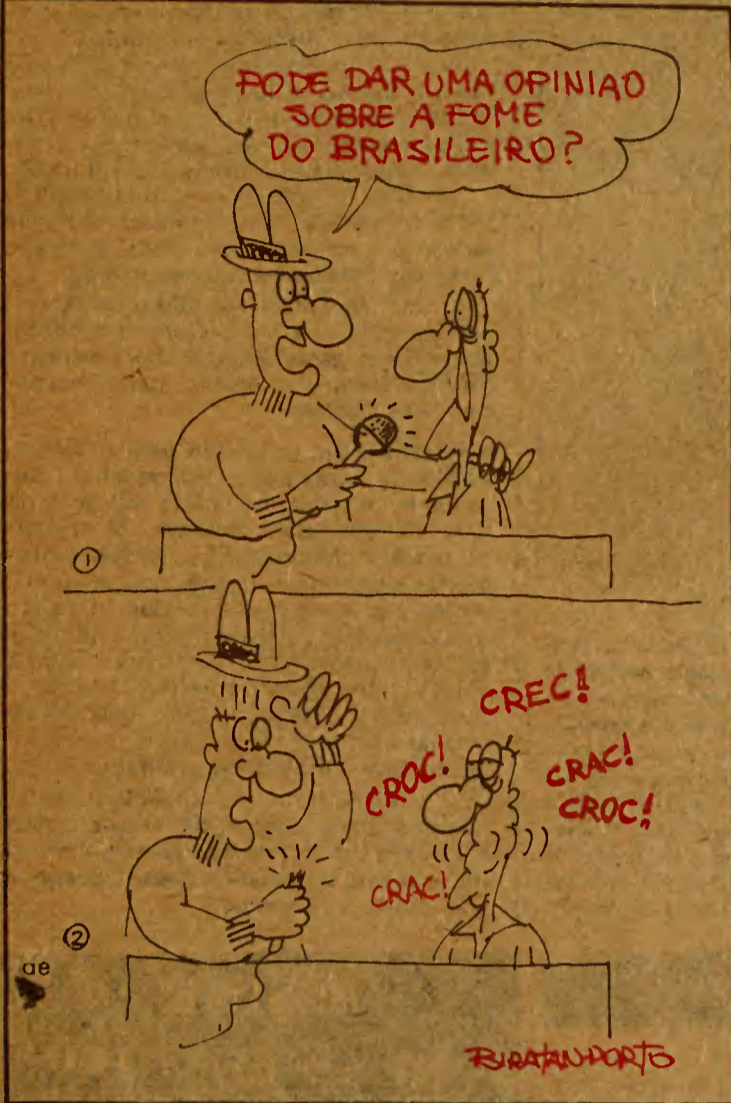


# RESISTÊNCIA

RESISTIR É O PRIMEIRO PASSO

ANO III — Nº 18 — Belém, Pará — Novembro de 1980

Preço do Exemplar: Cr\$ 30,00. Em outros Estados, Cr\$ 40,00



## Custo de vida está matando:

povo na miséria,

“barões” e Governo

na maior mordomia

**Jurunas**  
A luta por melhores condições de vida

**GUERRILHA DO ARAGUAIA**  
A viagem tensa e emocionada dos familiares dos desaparecidos.

**MARANHÃO**  
Por que o Presidente não inaugurou a ponte “Bandeira Tribuzzi”?

### Figueiredo vaiado em Belém Polícia prende e arrebenta.

# BASTA DE VIOLÊNCIA CONTRA O POVO!



“O Estado do Pará”

A violência da PM no Jurunas. Tenente espanca morador da Passagem Santana

## “Resistência” premiado no “Wladimir Herzog”

Pela segunda vez, o “Resistência” ganhou o prêmio jornalístico “Wladimir Herzog” de Anistia e Direitos Humanos. Desta vez o premiado foi nosso editor Luiz Maklouf Carvalho, com as reportagens “Guerrilha do Araguaia — Granada do Exército mata e mutila lavradores” (edição nº 11) e “Olha o passarinho — Repressão dá mancada” (edição extra nº 5). O prêmio — um quadro exclusivo do artista plástico Cláudio Tozzi — foi entregue em São Paulo, no último dia 27, e recebido por um representante da SDDH na capital paulista.

O prêmio “Wladimir Herzog” foi instituído pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo e pela Comissão Executiva Nacional dos Movimentos de Anistia, para lembrar a prisão, tortura e morte deste jornalista. Este ano, além dessas entidades, ele foi patrocinado pela Federação Nacional dos Jornalistas, CBA/SP, ABI/SP e Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo.

As duas reportagens vitoriosas denunciavam a repressão política. A primeira, sobre a guerrilha do Araguaia, contava o caso do lavrador Lauro Lima, atingido por uma granada do Exército na época dos combates, e até hoje desaparecido. A segunda publicava fotos de agentes do DOPS e do SNI, infiltrados nas manifestações populares de Belém. Por causa dela, na época, nossos editores foram chamados ao DOPS.

O “Wladimir Herzog” também premiou várias outras reportagens nacionais e latino-americanas, todas versando sobre os direitos humanos.

### RESISTENCIA OLHA O PASSARINHO



Repressão dá mancada:  
os agentes não são  
mais secretos

Uma das reportagens premiadas

## RESISTENCIA

Mensário da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos.

Sede: Avenida Pedro Miranda, 1566  
Fone: 226-1740 — CEP: 66.000  
Belém-Pará-Brasil

CONSELHO DE REDAÇÃO  
(PROVISÓRIO)

Humberto Cunha, Walteir Costa,  
Regina Fonseca, José Maria  
Souza, Lucídio, Luiz  
Maklouf Carvalho, Anita Fontelles, Isabel  
Cunha, Madeleine Bedran Maklouf Carvalho,  
Rosa Silva.

Editor:  
Luiz Maklouf Carvalho  
Repórter

Walteir Costa  
Colaboradores:

Benedito Carvalho e Sérgio Buarque  
de Gusmão (São Paulo), Walter Rodrigues  
e Luiz Oliveira (São Luiz), Carlos Matheus  
(Cameté), Romero Ximenes, José Maria  
Souza, Madi Carvalho, Paulo de Tarso.

Arte:  
Anita Fonteles  
Lucídio

Impresso em Mitograph Editora Ltda.  
Av. 16 de Novembro, 129  
Belém-Pará

## Caso “Mário Franco”

# Tiro pela culatra

Optando pela entrevista à “Provincia”, nos termos e nas condições em que falou (muito bem colocadas pelo jornalista Pelágio Gondim), MF quebrou a cara. Afinal, ele escolheu ninguém menos que o principal acusado, justamente Rubinete, para “assessorá-lo”. Muito solícito, este chamou policiais da Secretaria de Segurança Pública. (também envolvida, através do DOPS pelas acusações de terrorismo) e todos deram guarida ao “arrependido” Mario Franco - se é que não o obrigaram, sob pressões, a dizer o que quisessem.

Das vítimas dos atentados, poucos escaparam das mentiras e sabujices do terrorista “arrependido”. Fazendo renascer seu “antigo” ódio contra o “Resistência”, Mario Franco acusou o repórter infra-assinado de tê-lo comprado. É preciso ser muito imbecil. Com isso, na verdade, MF pretendeu duas coisas: minimizar a gravidade das denúncias levantadas pelo jornal na edição anterior (em que vários militares foram por ele acusados, em detalhes) e tentar evitar que novas denúncias fossem publicadas.

Pois existem novas denúncias. Na mesma noite em que confessaria seu futuro “recuo”, o terrorista entregaria mais nomes e faria novas acusações, boa parte das quais já publicadas pelo jornal “Movimento” (edição 277). Vejamos as mais importantes:

1) No caso de Centro Cultural “Erick Honecker”, criado por MF em Fortaleza, sob as ordens de Rubinete, ele citou mais nomes de militares: capitão Novin, presidente da Junta dos Serviço Militar de Fortaleza; sargente Walcy, “um dos coordenadores do



Mário Franco: tiro pela culatra

DOI:CODI na 10ª Região Militar; e coronel Aragão “comandante do Colégio Militar de Fortaleza”. Conforme suas denúncias, o Centro era uma entidade cultural com a finalidade de se infiltrar na esquerda. Entrou em contato com algumas embaixadas de países dito socialistas, e teve sucesso com a da República Democrática Alemã, que endossou oficialmente sua criação. No papel timbrado do Centro, está lá o nome da RDA. MF citou vários nomes de alunos do Centro e explicou o

seu funcionamento como infiltrado na esquerda.

2) Na entrevista MF repetiu seu desencanto com o inquérito da Polícia Federal, apesar de reconhecer um certo empenho no delegado Paulo Toscano. Para provar que “isso não vai dar em nada”, ele disse que há três semanas os recrutas do Exército estiveram fazendo treinamento militar num sítio de ninguém menos que Rubinete Narazé, na estrada do Mosqueiro, próximo a Santa Bárbara. Ao final do treinamento, conforme ele, Rubinete ofereceu um churrasco, do qual participou o coronel Aréas, chefe do Estado Maior das Forças Armadas na Região.

3) Ele ainda disse que o DOPS está providenciando, com certa rapidez, a transferência dessa gente acusada (Principalmente Roberto Martins e Amélia) para “fazerem curso em Brasília”.

Há mais denúncias para a próxima edição. De nossa parte, não vai faltar material para o inquérito da Polícia Federal. Insistimos em que sejam chamados os militares acusados por Mário Franco, principalmente o capitão Holanda, da Aeronáutica, que seria o chefe dos atividades terroristas no Estado. Não se justifica a alegação de que MF não os acusou no depoimento que fez ao DOPS/PF, porque essas acusações estão contidas na sua primeira declaração (aquela feita aos deputados no dia 17 de setembro), que obviamente deve ser peça deste inquérito.

Agora, diante de tantos fatos, tantos nomes e tantos detalhes, não é mais possível voltar atrás. A Polícia Federal tem um farto material para trabalhar - e é essa a obrigação que tem. (Luiz Maklouf)

## MARANHÃO / IMPRENSA ALTERNATIVA

### Crise no “Campo e Cidade”

O presidente da Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos, Carlos Veras, discordando da linha editorial do jornal da entidade - “A Luta do Campo e Cidade” - enviou carta ao diretor responsável, José Augusto Mochel. Apesar de um explícito pedido de publicação, feito a data de 30 de setembro, até então o jornal ainda não publicou a carta, que aí segue, na íntegra:

“Não é de hoje que eu e outros companheiros da Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos manifestamos, quando a oportunidade se oferece, nosso desacordo com a linha editorial do “Campo & Cidade”, caracterizada, salvo numa ou outra edição, pelo sectarismo com que promove determinada corrente oposicionista, em detrimento das outras. Sectarismo porque, apresentando-se como “órgão da SMDDH”, deveria o jornal abster-se de tomar partido, ainda que dissimuladamente, por esta ou aquela agremiação oposicionista; deveria, em suma, expressar a unidade das oposições, no terreno em que ainda é possível: o da luta concreta, ao lado do povo, contra o regime militar oriundo do Golpe de 1964.

Já no seu lançamento, desrespeitando a opção de membros da SMDDH, lançou-se o “Campo” contra o então PTB (atual PDT), ao mesmo tempo em que promovia o PMDB como “única” alternativa popular. Houve protestos, mas a editoria do jornal, ao invés de fazer a indispensável autocrítica, preferiu recorrer a uma encenação de inocência, tergiversando o problema. Essas e outras atitudes causaram profundo desagrado em numerosos companheiros e sem dúvida influenciaram no fracasso editorial do “Campo”, que de modo algum pode ser tributado apenas às dificuldades materiais, tendo em vista a experiência de publicações semelhantes de outros Estados.

O último número do jornal, saído recentemente, prova que o sectarismo do editor do “Campo” não se detém ante nenhuma consideração. Todas as promessas feitas na reunião de avaliação realizada há poucos meses foram deliberadamente violadas, como evidência o tratamento concedido ao comício de lançamento do PT em São Luís, com a presença de Lula: no seu vesgo exclusivismo ideológico, “Campo & Cidade” tratou o comício com indiferença igual ou maior do que a de alguns jornais da própria imprensa tradicional, diluindo-o e minimizando-o. Convém registrar que, o periódico “Resistência”, da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, dedicou sua capa e quatro páginas internas ao mesmo Lula, que apenas passara por Belém, em trânsito para São Luís. Também merece destaque o silêncio com que “Campo & Cidade” tem recebido mais de um evento relacionado com a luta popular contra o Projeto Alcoa, apenas porque não foram promovidos ou conduzidos pela facção a que pertencem o diretor e o editor do jornal.

Como dirigente partidário do PT e como democrata ainda convencido de que a SMDDH pode abrigar todas as tendências oposicionistas, sem discriminações arbitrárias, já não posso continuar coonestando a linha do “Campo & Cidade”.

Exijo, portanto, que, - já na próxima edição, meu nome seja retirado da relação de membros do Conselho Editorial, ao mesmo tempo em que deixo de reconhecer o “Campo” como órgão da Sociedade Maranhense de Defesa dos Direitos Humanos, da qual sou presidente. Uma vez que não provêm da SMDDH os recursos aplicados na manutenção do jornal, creio que se faria melhor confessar aos leitores a exata natureza do “Campo & Cidade”, como porta-voz da facção peemedebista a que pertence.

Confio em que esta será publicada na próxima edição, para conhecimento dos leitores.” Celso Veras, Presidente da SMDDH.)

## ASSINE

### “RESISTENCIA” PELO TELEFONE

Faça a sua assinatura por telefone. Para isso, basta discar para qualquer dos números relacionados abaixo, fornecendo o seu nome, endereço, do local de trabalho ou da residência, e o horário em que pode ser encontrado. Os fones são:

222-7286 • 224-2385 • 226-4189  
224-1009 • 222-1031 • 222-1429  
226-1740 • 231-6309

ITAIR SILVA  
-advogado-  
Paula Frassinetti  
-estagiária-

- DIREITO DO  
TRABALHO

Manuel Barata, 274 - s/108  
Fone - 223-2647

Silk-screen, decalques,  
flâmulas, camisas,  
bonés, bermudas, shorts?

Não perca tempo!

Procure  
R. LOPES DA SILVA &  
COMÉRCIO

Escritório/impressões:  
Rua 15 de Novembro, 34  
altos, s/202  
Belém-Pará

assine agora  
RESISTENCIA mensal!



A polícia prendendo e arrebatando o povo, na visita do general Figueiredo a Belém



Selvageria: tenente da PM espanca morador da passagem Santana

# Figueiredo ordena violência para calar o povo

Policiais prendem e arrebatam na visita do general-presidente a Belém.

Violência é a resposta do Governo para as justas manifestações populares

A escalada da violência militar contra o povo de Belém, no mês passado, atingiu o pico na última sexta-feira, dia 24, justamente com a rápida visita que o general-presidente Figueiredo fez à cidade. A Praça da República transformou-se em verdadeira praça de guerra, com centenas de policiais do Exército, da Polícia Militar, do DOPS, do SNI e da Polícia Federal. Tudo para conter o descontentamento popular contra o atual regime, que se expressou numa manifestação organizada pela Comissão de Bairros de Belém. A CBB pretendia apenas entrar ao presidente um débil documento de reivindicações, solicitando, "até mesmo por caridade", urgentes providências em relação ao problema da terra em Belém. Com a melhor das boas vontades, a Comissão chegou mesmo a avisar o presidente sobre suas pretensões, na esperança de que lhe concedesse pelo menos cinco minutos de atenção.

## Figueiredo mandou arrebataram

Mais uma vez o presidente desmoralizou suas promessas de "abertura" e de "democracia", e mandou arrebataram. Ele não deve ter esquecido os tristes episódios de Florianópolis, em que também o povo foi às ruas protestar contra o seu Governo, e o cacete comeu solto. Agora, toda vez que o general visita um Estado, os órgãos policiais intensificam severamente a vigilância.

Desde à noite da quinta-feira (23) era ostensivo o policiamento nas ruas centrais da cidade. De madrugada, foram presos dois estudantes (Arnaldo Jordy, do Cesep, candidato à diretoria da UNE pela Chapa "Viração" e o secundarista Josivaldo), sob a acusação (não comprovada) de que estavam pichando paredes. Passaram o resto da noite numa cela da Central de Polícia, e só puderam chamar seus advogados pela manhã, quando foram entregues ao DOPS. Na sexta de manhã soldados isolaram, com cordas, as cercanias do Teatro da Paz, onde o presidente Figueiredo, à tarde, encerraria a reunião dos chanceleres latino-americanos que compõem o tal "Pacto Amazônico" (um "pacto", digamos assim, que pretende melhor coordenar o entreguismo das riquezas da região amazônica).

## Até crianças protestaram

Como a "abertura" do presidente não comporta o povo, ele passou direto para o Teatro. Lá fora, o pau correu solto, com muita violência dos militares. Esta chegou a tal ponto que até as crianças dos colégios (ali levadas para saudar o presidente) ficaram aborrecidas, e aderiram aos coros de protesto. Várias pessoas foram espancadas, outras presas e levadas para o DOPS — só sendo liberadas após prestarem depoimento.

O povo foi pedir terra, para morar, e recebeu cacete. Entendeu contudo, principalmente os que foram à praça com uma forte esperança em serem atendidos, uma grande lição: a de que o regime não tem nenhuma preocupação real pelo bem-estar do povo. Seguramente, muitas das pessoas que receberam o convite para a manifestação da Comissão dos Bairros de Belém ainda alimentavam plena confiança nas promessas e na autoridade do presidente da República. Principalmente porque sua reivindicação é das mais justas: apenas garantia na terra de morar.

## A violência no Jurunas

A mesma esperança alimentavam os moradores da Passagem Santana, no bairro do Jurunas, quando, na sexta-feira, dia 17, a Polícia Militar invadiu a área para destruir os pobres barracos. Graves violências se verificaram, para desespero dos moradores. Quase todos imploraram aos policiais que parassem a destruição, sem sucesso. A selvageria chegou a tal ponto, que um dos soldados (de nome Edinho) não resistiu: revoltou-se e chorou, dizendo que podia até perder a farda mas não continuaria a fazer aquilo. Por causa disso, Edinho foi preso no quartel. Também foi preso, na mesma tarde, sob enorme brutalidade, o fotógrafo colaborador do jornal "Resistência", Ubiratan Diniz (também bacharel em Administração e funcionário da FASE local). Levado para o Comando da PM, Bira só seria liberado tarde da noite — não sem que a Polícia cometesse mais violências contra as dezenas de amigos e representantes de entidades democráticas que ali foram para exigir sua liberdade. Primeiro chefiados pelo tenente Adonai e depois pelo próprio coronel Penteado, comandante da PM, os manifestantes foram agredidos, tiveram seus cartazes rasgados e foram expulsos, a toque de caixa, para defronte do prédio. Na grande confusão que se formou — o coronel Arruda Penteado dando voz de comando para as arbitrariedades — os soldados agrediram o fotógrafo de "O Liberal", Eurico Alencar, que tão-somente executava seu trabalho.



O coronel Arruda Penteado, agredido o fotógrafo Wagner Bill, de "O Estado

As violências se repetiram na segunda-feira, e em escala maior. Com a ajuda das entidades democráticas, que formaram o Comitê de Solidariedade aos Desabrigados, os moradores, em muti-

ção, quase conseguiram reconstruir todos os barracos derrubados. Mas a PM atacou novamente, desta vez comandada pelo tenente Pedro Chaves (filho do senador Aloysio Chaves, do PDS), destruindo os barracos levantados e outros. Três moradores foram presos e levados para o DOPS. O presidente da SDDH, Humberto Cunha, e o coordenador do Comitê Paraense pela Anistia, Alexandre Cunha, foram cercados pela cavalaria e por pouco escaparam da prisão.

## "Abaixo Alacid"

Na mesma segunda-feira, à tarde, os moradores em peso foram à Assembleia Legislativa do Estado (onde o PMDB pediu a exoneração do coronel Penteado, por sua desastrosa administração) e depois ao governador Alacid Nunes, que só depois de várias horas atenderia a comissão. A frente do Palácio foi ocupada por dezenas e dezenas de moradores, sempre a gritar palavras de ordem ("Queremos solução, atenda a comissão"; "O povo unido jamais será vencido", etc). Mais uma vez o governador não atendeu aos justos apelos do povo. Fez promessas falsas, jogando alguns dos desabrigados para a infernal burocracia da Cohab. Também nesta noite a tênue esperança de solução foi por água abaixo, e os manifestantes saíram do Palácio, em passeata, aos gritos de "Abaixo Alacid, o povo é quem decide". Quando chegaram no bairro, os soldados da PM guardavam a Passagem Santana, armados de metralhadoras, e a Aeronáutica, com a falsidade da Operação Aciso, se encarregava de ocupar o prédio do Centro Comunitário Alan Kardec, com endosso do presidente, sr. Teófilo, pelego, que não permitiu seu uso como local de reunião e moradia dos desabrigados. Até agora as famílias, que perderam o pouco que tinham, estão vivendo da solidariedade de alguns vizinhos, sem casa para morar.

O mesmo vem ocorrendo nos bairros da Sacramento e da Pedreira, onde a Aeronáutica continua a cometer violências para expulsar os moradores das terras que eles, com suor e luta, conquistaram para si.

## Esquadrão da morte

A tudo isto juntam-se as execuções semanais de "marginais" pela Polícia Civil, que vem atuando como um verdadeiro Esquadrão da Morte. O comissário Armando Mourão, por exemplo, notório torturador de longas datas, foi irremediavelmente acusado pelo jovem Alcino Alves de Souza. Ele passou cinco anos no Presídio São José, tudo porque o comissário Mourão, através de torturas, o obrigou a confessar um crime que não cometeu. O fato foi repudiado por toda a comunidade, mas o governador do Estado e o secretário de Segurança Pública, Sette Câmara, não tomaram qualquer providência para afastar o policial. Pelo contrário, sua omissão ou conivência os

tornam cúmplices das torturas cometidas pelo comissário, que até agora está completamente impune.

## Penteado & Aragão

Caso semelhante ocorreu por ocasião da chamada "Chacina de Tucuruí", em que o soldado da PM Manoel Dias Aragão e sua quadrilha, para praticar mais um roubo trucidaram uma família inteira, no mais cruel sadismo, chegando ao cúmulo de esfaquear e incendiar os corpos de duas crianças. Na ocasião, sob o estardalhaço dos jornais, o Comando da PM fez a pantomima de expulsar Aragão da "briosa" corporação, e dizer que repudiava crimes daquela natureza.

Pura conversa fiada! Quantas vezes os crimes do soldado Aragão contra os posseiros da rodovia PA/150 foram denunciados pela Comissão Pastoral da Terra, pelo deputado Ademir Andrade (PMDB), pela SDDH e pelo jornal "Resistência"? Quantas vezes as vítimas do soldado assassino não vieram a Belém rogarem por providências, ao próprio coronel Arruda Penteado? Várias e diversas! Mas, aos crimes de Aragão, e de outros policiais como ele, espalhados aos montes pela zona rural, o Governo do Estado e a PM sempre deram amém. Chegaram ao ponto de chamar ao DOPS, para depoimento, o bispo de Marabá, D. Alano Pena, porque este tinha denunciado os crimes do soldado Aragão. As autoridades sempre com o mesmo lero-lero, cada vez mais desmoralizado, de que as entidades democráticas querem fazer "agitação", "subversão". É preciso lembrar que se a Polícia tivesse tomado uma providência, a quando das denúncias contra Aragão, ele não teria cometido mais assassinatos! Portanto, não é um exagero de retórica dizer que o Governo do Estado é co-responsável pela "Chacina de Tucuruí".

## Movimento popular

É evidente que a violência cresce em função da força que o movimento popular vai ganhando, pouco a pouco. Aqui, como no resto do País, são tão difíceis e precárias as condições de vida, que a alternativa do protesto, em muitos momentos (e sempre sempre depois de muitos apelos pacíficos) é a única viável. Quanto mais consciente e organizado é o protesto popular, mais forte é a violência contra ele.

Este aparente círculo vicioso — na verdade o dialético desenvolvimento da luta de classes — vai ser resolvido no curso da história. Neste sentido, cada vez mais, o regime militar tem mostrado sua incapacidade para retirar o País da crise geral em que o lançou. Cabe aos movimentos democráticos e populares, no curso da luta, irem se afirmando, na construção sólida que os permita impor a sua opção para o conjunto da sociedade brasileira.



## Como se distribui a riqueza (e a pobreza) em Belém.

Por que o povo passa fome? É uma pergunta cuja resposta não pode ser dada em poucas palavras e que está ligada ao tipo de estrutura econômica capitalista e dependente do Brasil, que produz uma série de distorções na vida econômica nacional e da qual a principal vítima é o povo trabalhador.

Em Belém, uma dessas distorções está relacionada com a oferta do emprego e a distribuição da renda. Segundo resultados da pesquisa realizada pela "Geotécnica" sobre a Região Metropolitana de Belém, grande parte dos empregos estão nos ramos de Construção Civil e Comércio. Os empregos nos diversos ramos da indústria perfaziam um total de 41 mil em 1978 e o comércio, segundo informações colhidas na DRT, era responsável por cerca de 50 mil empregos. Considerando que a população economicamente ativa era, em 78, para a mesma área, de 266.697 pessoas (ver o quadro I), pode-se imaginar que a maioria do que sobra, ou seja cerca de 175 mil pessoas, vivem de renda proveniente de atividades sem vínculo empregatício, ou seja, de biscates.

Grande parte dessas pessoas veio do interior, expulsa da terra, e se aloja ou nas baixadas de Belém, vegetando na pior miséria, sem muitas esperan-

### QUADRO II DISTRIBUIÇÃO DA RENDA NO BRASIL

50% mais pobres	13,2%
30% remediados	21,9%
20% mais ricos	64,9%
01% mais ricos ficam com 16,3% de tudo que se ganha	

FONTE: IBGE (1977)

ças de um emprego razoável ou de voltar para seus lugares de origens. Vivem, assim, como autênticos marginais, no sentido de que não participam dos benefícios do desenvolvimento econômico.

O quadro I, apresenta um retrato da concentração da renda em Belém: 22% da população sobrevivem com apenas 4% da renda gerada nas diversas atividades econômicas, enquanto os 10% mais ricos se apossam de 39%. A renda por habitantes é vinte vezes maior nas classes ricas do que no setor que vive com menos de um salário mínimo. Não é de espantar, pois que os "barões" do "top set" gastem num jantar mais do que os pobres gastam em todas as suas necessidades do mês.

Somando a população que vive com menos de três salários mínimos, temos nada menos que 65% do povo de Belém, que participam na distribuição da renda em apenas 29%, enquanto os 35% mais ricos distribuem entre si 72% de tudo o que se produz, relacionado com a Região Metropolitana de Belém.

Essa situação não é característica de Belém. O quadro II mostra a distribuição da renda no Brasil como um todo. (j m s)

# POVO NA MISÉRIA

## "BARÕES" E GOVERNO NA MORDOMIA

### QUADRO I DISTRIBUIÇÃO DA RENDA EM BELÉM

CLASSE DE RENDA	POPULAÇÃO (habitantes)			Renda por habitante (mensal) Cr\$	% da renda total
	ABSOLUTA	%	pessoas que exercem atividade remunerada		
0 a 1 salários mínimos	207.382	22	68.438	160	4
1 a 2 salários mínimos	238.358	25	70.907	410	12
2 a 3 salários mínimos	166.317	18	43.699	617	12
3 a 8 salários mínimos	233.336	25	59.779	1.166	33
mais de 8 salários mínimos	94.145	10	23.874	3.470	39
TOTAL	939.538	100	266.697	988	

FONTE: GEIPOP (1978) ELABORAÇÃO: GEOTÉCNICA

### OS CATADORES DE LIXO

Diariamente, por volta das 19:00 horas, quem passa em frente ao edifício Manoel Pinto da Silva, pela Avenida Nazaré ou Serzedelo Correa, assiste um retrato fiel da crescente miséria que vem se abatendo sobre o povo: é disputa entre os catadores de lixo. São mulheres, homens e crianças remexendo o lixo despejado pelos comerciantes em busca de algo aproveitável. Não se trata apenas de mendigos, no sentido exato da palavra, mas até de funcionários da limpeza pública (e do Estado, portanto). Segundo os meninos que se encontravam no local, até um chefe o "lixo" já tem: "É o Bigode, ele diz que é ele o chefe do lixo. Ele anda com uma vareta batendo na gente pra tirar o melhor pra ele", dizem.

"Em casa a gente só tem o almoço, a janta a gente vem procurar aqui. O que a gente encontra aqui a gente leva pra mamãe preparar" diz Reinaldo de Souza, de 13 anos, filho de operário de



Catadores de lixo

construção civil. O mesmo acontece com Rocielmo Monteiro, de 13 anos, filho de um limpador de máquina da Cerpasa, que ajuda na alimentação de mais oito irmãos com aquilo que encontra no lixo.

(Walteir Costa)



Essas crianças catam lixo para ajudar a família a comer

### ENQUETE

## O povo está passando fome

RITA RIBEIRO DA SILVA, (Sacramento) "Custo de vida? A gente já nem sabe a quantas anda, pois aqui se come quando tem e não mais o que se tem. Isso graças à minha irmã e aos vizinhos que nos dão de comer de vez em quando." Com a lavagem de roupa, dona Rita ganha Cr\$ 500,00, somados aos Cr\$ 1.773, que o marido, Moacir Faria Ribeiro - desempregado e enfermo - recebe do INPS formam a renda da família: 7 pessoas. Eles moram num barraco de 3x3x3,5 mts. Para Moacir o "grande culpado é o governo. E quem vai resolver o problema não é os barões..."



Rita. aqui se come quando tem

CLAUDEMIRA LOPES, (mãe de dois filhos, bairro da Pedreira): "Os preços estão assim, a carne está muito cara, tá 70, 80 cruzeiros o quilo. Mas o que está mais difícil de se comprar é o feijão que tá 80 cruzeiros o quilo. O feijão que era comida de pobre, agora está comida de rico. A farinha que também está um bocadinho cara. Mas o que mais me preocupa mesmo é a luz: eu tenho dois bicos e pago quase mil cruzeiros. Eu reclamo, já fui duas vezes reclamar, porque eu não ganho muito, eu faço Cr\$ 1.400,00. Se não fossem os meus filhos eu nem sei o que seria. Se é o governo o culpado, eu não sei. Só sei que as coisas do jeito que vão, só vão piorar".

ELISIO DE MELO (sete filhos, feirante, Juranas): "Então é o seguinte: a mercadoria está muito cara. A gente compra de um preço e tem que tirar um lucro, né? Qualquer camarada que vive do comércio tem que ver o lucro. Mas tá tudo caro, e não é só aqui, tá caro tudo que é gênero. O sujeito trabalha aqui no Ver-o-Peso, arranja uns duzentos cruzeiros, vai pro mercado e vai tudo, quem tem família é isso mesmo, é o custo de vida. O que está dando pra comer? Olha, a gente vai comprar carne, não dá pra comprar carne, acaba comprando peixe mesmo. Só dá pra comprar o peixe e mal a mal, o quilo tá dando 50, 60, 70 cruzeiros. O leite? Só tintiando, não dá pra passar bem. Tem que tintiar como pobre, fazendo economia, o sr. sabe como é, né? Se for fazer a vontade não dá. A minha opinião sobre esse problema é... não adianta nem dizer, porque só quem pode dar jeito é o governo. Primeiramente aquele que está lá no céu, depois só o governo, que é o nosso chefe, se não for ele, é besteira que ninguém dá jeito".



## Enquete

**MARIA DO LIVRAMENTO** (Terra Firme): "Eu estou achando um absurdo tudo isso que está acontecendo. Eu acho que tudo está difícil de se comer. Até o peixe que antes era mais barato, agora está mais caro que a carne. Hoje em dia pra gente viver tem que lutar bastante, porque senão... Ultimamente o que a gente tem mais comido é o peixe mesmo. A gente acha que o responsável por esta situação é o prefeito, é o Governo. Eles não estão procurando providência. Eles estão vendo a situação dos pobres, porque aqui em Belém existem muitos pobres mesmo no subúrbio, nessas comunidades que sofrem. As vezes vão até a Marajoara, como a gente tem ouvido no rádio, pedindo esmola, o que é isso? É eles que não olham pros pobres, porque se eles olhassem pros pobres eu acho que eles não faziam uma coisa dessa. Aqui, por exemplo, nós não temos água, nem luz, nós tomamos água de poço, que contém até carapanã. Assim mesmo a gente tem que tomar, é só tem um poço bom, que é o da dona Elsa ali. Assim mesmo, quando passa de 5, 6 latas ela já está falando, a gente só tira água pra tomar, o resto a gente que tirar de outro poço. Nós fizemos esse poço aí, mas não presta pra nada, é muito fedorenta a água, nem pra tirar o primeiro sujo da roupa ela presta".



Maria do Livramento: absurdo

**SUELY DA SILVA GONÇALVES** (Terra Firme): "O custo de vida é uma coisa que nós estamos enfrentando muito difícil hoje em dia. Porque, a cada dia, a cada hora, ou até a cada minuto nós estamos comprando uma mercadoria com um aumento, digamos assim, sem um determinado tempo pra aumentar, é um aumento desconforme que o pobre cada vez que passa está vendo que não está dando mais. O que tá dando pra comer? Pra safar até agora, lá em casa, pelo menos eu prefiro comprar um frango abatido que um quilo de peixe que está mais caro: a praticidade está quando oitenta cruzeiros daquela pequena, aqui na nossa feira. O leite, tá na base de 180 a 200 cruzeiros o mínimo, não está dando pra comprar. Pra quem ganha como o meu marido que ganha 350,00 cruzeiros por dia, o melhor mesmo é criar os filhos na base do mingau de açaf. O culpado de tudo isso, é claro, é o nosso governo, que se nós não tivéssemos um governo do jeito do que nós temos, mas é porque na casa dele existe a fartura. Entra pra ele, bem dizer, carne a toda hora, verdura, enfim, tudo pra ele gratuitamente, quer dizer, ele nunca vai olhar pro pobre, nunca vai ouvir a miséria do povo. Então é a parte do nosso governo, talvez se nós tivéssemos um governo melhor."

# As mentiras de Delfim, a inflação e a fome

Aurélio Peres

Além das novas desculpas para explicar o fracasso de sua política de combate à inflação, o governo anuncia o "estudo" de medidas econômicas que, se consumadas, agravarão mais ainda as condições de vida dos trabalhadores. O governo Figueiredo, nos últimos meses, marcou seu governo por dois fatos sinistros: primeiro, pisoteou no sentimento de fraternidade e hospitalidade do povo brasileiro em relação aos outros povos, fazendo a péssima Lei dos Estrangeiros, e, segundo, continua com sua política econômica, estabelecendo novos recordes inflacionários.

## Inflação a 107 %

Com a inflação registrada em agosto, o índice geral de preços, segundo a Fundação Getúlio Vargas, já chegou a 107% nos últimos doze meses do ano.

Os fatos continuam a desmoralizar as promessas do governo Figueiredo e seu ministro, Delfim Netto. A última promessa do Sr. Delfim foi a de que, após as "supersafra" deste ano, a inflação iria baixar. Mas as safras dos principais produtos agrícolas consumidos pela população já foram colhidas, e o período de entressafra do arroz, do feijão, do milho, já chegou sem que os preços baixassem. O governo não desiste, e continua a oferecer novas explicações para a alta de preços e a carestia: o problema agora, diz o Sr. Delfim Netto, é a seca ocorrida este ano nos Estados Unidos, que provocou uma alta geral dos produtos agrícolas no mercado internacional e foi repassada ao Brasil. Por isso, explica Delfim, os efeitos positivos da supersafra não vão funcionar em 1980.

## A mentira da supersafra

A verdade é que os trabalhadores estão cansados de ouvir mentiras. Ninguém pode, honestamente, dizer que o Brasil teve este ano uma supersafra de produtos agrícolas. A produção do feijão por exemplo, pelo oitavo ano consecutivo, ficou abaixo dos 2,6 milhões de toneladas. Dividindo isto pelos 123 milhões de brasileiros, vai dar vinte quilos por pessoa, o que é pouco. Portanto, o país irá importar novamente feijão. Os resultados das safras de arroz e milho, se bem que um pouco melhores, apenas repetiram os índices alcançados em 1976 e 1977. E estamos também, novamente, importando este ano mais de 1 milhão de toneladas de milho. O fato é que os gêneros essenciais continuam, para a maioria do povo, escassos e caros, porque o governo militar mergulhou num prolongado período de vacas magras.

## Conselhos furados

Essa situação não acabou. Recentemente mesmo, ao divulgar as causas que provocaram uma inflação de 8,4% em julho, a Fundação Getúlio Vargas aponta, como primeiro responsável, exatamente a enorme elevação do custo dos alimentos. Outro item diretamente causador desta taxa recorde foram os reajustes do serviço público. Perguntamos: como acreditar num governo que se diz preocupado com a inflação, quando ele próprio vem aumentando sucessivamente as tarifas dos serviços públicos essenciais?

Vários ministros costumam sugerir à população que deixe de comprar um produto, quando seu preço sobe demais. Mas como encontrar substitutos para a água, a luz, a condução? Se fosse seguir esses conselhos agora, o povo ficaria sem água, viveria no escuro, andaria a pé e morreria de fome.

## O fantasma do desemprego

Iniciamos o segundo semestre num quadro econômico mais difícil ainda para o país e para os trabalhadores. Nenhuma das promessas feitas pelo governo, foram cumpridas. A taxa de inflação



que o governo previra para todo o ano, de 45% a 50%, foi superada nos primeiros sete meses. Também estava previsto um equilíbrio nas contas externas do país, mas as importações já superaram as exportações em quase 2,5 bilhões de dólares. O governo ainda prometera que a economia continuaria a crescer a um ritmo razoável, que não haveria recessão e desemprego. Mas o fantasma do desemprego se transforma em realidade para um número cada vez maior de assalariados, como atestam os índices do IBGE e do Ministério do Trabalho.

## Mais entreguismo

Diante dessa crítica situação, sentida na carne pelo povo, o governo resolveu convocar a Brasília os grandes empresários, banqueiros, industriais, latifundiários e comerciantes, para com eles discutir a crise econômica. Dessa reunião só poderia sair mesmo novas sugestões de medidas antinacionais e antipopulares. Como o país já deve hoje perto de 58 milhões de dólares (ou mais de 3 trilhões de cruzeiros), e como grande parte dessa dívida é de responsabilidade das próprias multinacionais que operam no país, o governo já anunciou que pensa em modificar a Lei de Remessas de Lucros, para estimular novos investimentos estrangeiros no Brasil, aprofundando sua política entreguista, a principal responsável por nossos maiores problemas.

## Arrocho salarial

Outra medida jogada ao público como balão de ensaio é a tentativa de arrochar os salários. Volta-se, assim, à velha e desmoralizada explicação de que são os salários que estão causando uma inflação tão alta. Dizem os ministros do Planejamento, da Fazenda e do Trabalho que os reajustes semestrais dos salários é que estão alimentando a inflação, e prejudicando o próprio trabalhador. Dizem isso, apesar da lei dos reajustes semestrais não ter ainda nem um ano de existência e de ser o próprio governo o responsável pela fixação dos índices de reajustes dos salários.

## Quem paga a crise

Dizem isso apesar de sabermos que o chamado INPC - Índice Nacional de Preços ao Consumidor - está num nível mais baixo que o índice geral de preços calculados pela Fundação Getúlio Vargas. A inflação, de janeiro a julho, como já dissemos, foi de 52,3% enquanto o INPC-Base, que será aplicado aos salários dos trabalhadores que têm reajuste em agosto, foi fixado em apenas 34,4%. Isso é uma prova que são os trabalhadores que vêm pagando pela crise, mas a solução é tentar aumentar mais esta carga.

## Maioria na miséria

Como sempre, o governo procurando dividir e enganar os assalariados, diz que pretende atingir os altos salários, aqueles que, por exemplo, ganham acima de 10 salários mínimos (cerca de 41 mil cruzeiros). Todos sabemos que no Brasil, onde a maioria do povo vive na miséria, são poucos os assalariados que ganham mais de 41 mil cruzeiros por mês. Mas por acaso, 41 mil cruzeiros, pode ser considerado salário muito grande? Primeiro, é importante não esquecer a diferença entre salário bruto e salário líquido.

Quem ganha 41 mil cruzeiros brutos, na carteira, depois dos descontos do imposto de renda e do INPS, perde 21% do salário, e acaba recebendo efetivamente uns 32 mil cruzeiros. E num país em que Previdência Social é um descalabro, em que o sistema educacional vive um processo de deteriorização, em que não existe nenhuma proteção ao desempregado, em que a inflação vai num ritmo de mais de cem por cento ao ano, o assalariado que ganha 32 mil cruzeiros líquidos por mês, ou pouco mais, não é o que deve pagar pela crise econômica, como quer nos convencer o governo.

Além disso, o governo começa falando em "controlar os salários altos" para ver se depois controla mais ainda todos os salários, os altos e os baixos. Tenho certeza de que os trabalhadores saberão responder a estas novas provocações do governo.

Em todo o país aproximam-se de datas bases de importantes categorias de trabalhadores. Em São Paulo, preparam-se entre outros, os metalúrgicos, os bancários e os têxteis.

Seguramente eles saberão defender, com suas lutas, algumas pequenas vitórias que foram conseguidas pelo movimento popular, com os reajustes semestrais, e através da mobilização crescente e da unidade ampla com outras categorias de trabalhadores, poderão enfrentar os novos golpes que o grande capital está tentando junto com este governo antinacional e antipopular.



Aurélio Peres é deputado federal, do PMDB (Tendência Popular).



## Por que não existe Movimento Contra a Carestia em Belém?

Com frequência ouvimos alguém dizer que o povo de Belém tem medo, porque vê os preços exorbitantes dos supermercados e não reclama, não vai às ruas protestar contra a carestia. O problema não é tão simples quanto parece. Mas, como explicar a inexistência do MCC - Movimento Contra a Carestia - em Belém, uma das capitais que acusa os maiores índices do custo de vida? Em 78, o Pará esteve representado no encontro nacional do MCC, em São Paulo. Nesse período, tivemos em Belém o início de uma organização; mas foi tão inexpressiva, que poucos se lembram.

Em São Paulo, onde o Movimento Contra a Carestia foi mais forte, há quem considere que ele se encontra defasado ali, devido a ascensão do movimento sindical, e outras organizações populares que, de certa forma, esvaziaram as reivindicações nele contidas. Seria esta a nossa realidade? Pretender explicar a nossa situação pelo mesmo ponto de vista é cometer um grave erro. Entre outras razões, porque não contamos com um movimento popular a tal ponto mobilizado que não houvesse lugar para mobilização em torno da bandeira de luta contra a carestia. Em cima disso "Resistência" ouviu algumas pessoas.

### O "PÉ" DO NEGÓCIO

Dona Maria Nazaré, do Centro Comunitário Novo Horizonte, no Marco, falando sobre a embrionária organização do MCC em Belém disse: "Em 78 a gente tinha uma organização já bem forte. Inclusive a gente trocava correspondência com outros Estados. Seu Milton (ex-vice presidente da SDDH, afastado por corrupção), era ele o pé do negócio. Quando ele saiu não deixou o pessoal fortalecido. O pessoal tinha aquele forteco de líder." Mais adiante, ela reconhece: "nosso erro também foi que a coisa ficou somente entre nós. Eu acho que o fracasso foi esse". E continua: "eu acredito que só aqui em Belém não há o MCC. Até em Santarém, não sei se você sabe, o Movimento Contra a Carestia é forte. Quando a gente falava do problema nas reuniões o pessoal gostava". Dona Maria Nazaré aponta a Comissão dos Bairros de Belém como "uma entidade que atua em benefício do povo. Se a gente está sentindo que o problema é nosso, eu acho que ela deveria encaminhar a luta contra a carestia".

### FALTA DE APOIO

Dona Raimunda Palheta, da Comunidade de Base do Atalaia, representou o Pará no encontro nacional de 78. Segundo ela, o fracasso do movimento em Belém se deu devido à "falta de organização, irresponsabilidade da pessoa indicada no caso, falta de apoio pelos grupos já existentes". Para a representante da Combat, as perspectivas do MCC, atualmente, em Belém, devem ser a procura de grupos através de "comissões de bairros, responsabilizar. Ir em cada bairro para implantar o movimento com apoio das organizações já existentes".

### PEQUENO GRUPO

Por outro lado, explicando o fracasso do MCC, Ubiratan Moraes Diniz, técnico da FASE, diz: "precisamos ver primeiro como nasceu o MCC em Belém. O MCC em Belém teve seu início a partir daquele apoio que foi pedido pelo pessoal do Movimento de São Paulo na Campanha do abaixo-assinado para entregar ao presidente da República, em 1978. Algumas pessoas ligadas às organizações de bairros assumiram a iniciativa de implantação do Movimento aqui em Belém a partir dessa campanha de apoio. Algumas reuniões foram realizadas com lideranças para discutirem como encaminhar o MCC. Mas o movimento não chegou a penetrar realmente nas organizações dos bairros, ficou muito mais a nível de um pequeno grupo. O movimento não chegou a criar pernas nos bairros. Duas pessoas foram a São Paulo para participar do Encontro Nacional e, quando chegaram aqui, de volta, entraram num descenso e as organizações de bairros nem chegaram a cobrar dos companheiros a tarefa que foram cumprir. O nível de organização estava fraco e a campanha não tinha penetrado nos bairros. Estes dois as-



pectos, para mim, foram determinantes, para que o movimento não se desenvolvesse e não se consolidasse."

### CAMPANHA IMEDIATA

Apontando as perspectivas para o MCC, diz Ubiratan: "As condições, não só a nível de Belém, mas a nível nacional, estão mais propícias para o fortalecimento desse movimento. A alta do custo de vida está cada vez mais forçando uma tomada de posição do povo brasileiro. Aqui em Belém eu vejo o nível de organização dos movimentos populares mais fortes, sobretudo a partir das campanhas desenvolvidas nos últimos meses e com a criação da Comissão dos Bairros de Belém. Acho mesmo que a CBB, como órgão de representação das camadas de baixa renda, deve imediatamente flagrar uma campanha contra a carestia, articulada a nível nacional. Sem dúvida nenhuma, uma campanha desta pega bem, pois o povo está passando fome, está sem emprego, está sem as mínimas condições de vida". (Walteir Costa)



### Pesquisa/Mordomias

## A boa vida dos "barões"

Banquetes e mais banquetes, telefones em carros, hotel para cachorros, mansões, piscinas, saunas. Apesar da comentada "crise" econômica, vai de vento em popa a mordomia dos poucos ricos. Quem paga o pato mesmo é a grande maioria da população brasileira, que vive na miséria mais absoluta. Para dar apenas um pequeno exemplo do "mar das mordomias", em Belém, "Resistência" fez uma pesquisa na coluna "Repórter 70", de "O Liberal", pegando o período de 2 de agosto a 12 de outubro. Observem:

- "Cabine da mordomia", foi como apelidaram o local onde ficaram alguns empresários e parlamentares que foram num navio da Jonasa à Vila do Conde. Porque lá é que estavam frios, salgadinhos e drinques. (2/8/80)

- A classada Regina Pinheiro não realizou, ontem, seu tradicional biriba das terças-feiras. (6/8/80)

- Almoço de Ernane Galvêas (ministro da Fazenda): casquinho de caranguejo, camarão com maionese, pato no tucupi, creme de bacuri e vinho "national". O ministro se trata. Ou melhor, tratam muito bem do ministro. (8/8/80)

- O Brasil investiu 180 milhões com as olimpíadas. As medalhas - quatro - custaram 45 milhões cada uma. Too bad (péssimo). (8/8/80)

- Uma das coisas boas do late (Clube): as saunas, separadas, para homem e mulher (8/8/80)

- No interior, só quem tem telefone rural em sua fazenda, em Paragominas, é o ator Tarcísio Meira. (10/8/80)

- Notícias que desmentem a crise: Salinas vai partir para a construção de 100 novas unidades residenciais pelo sistema financeiro. (11/8/80)

### Ministro adorou a moqueca

- O jantar do ministro Cesar Cals, comitiva e autoridades, na Casa do Comércio, foi preparado e servido por alunos do curso de Hotelaria do Senac. Um dos pratos mais servidos, teve repeteco pelo próprio ministro das Minas e Energia. Era a "moqueca à Casa do Comércio", com recheio na base do abacaxi, camarão, caranguejo, presunto, queijo, salada de verdura, alface e maionese. (15/8/80)

- O deputado Álvaro Freitas, a exemplo de outros políticos, vai entrar na pecuária: está comprando uma fazenda na Zona Bragantina. (17/8/80)

- Tendo custado 33 milhões (a preços de 78/79) para quatro Governos (Guilhon, Aloysio, Clóvis e Alacid) o Centro Psiquiátrico está com seus 13 pavilhões, cozinha e lavanderia industrial, tudo comprado no sul, passarelas, casa de caldeiras e gás e serviço de tratamento d'água, sem qualquer utilização até agora. (18/8/80)

- A TFP - Tradição, Família e Propriedade - que já teve em Belém seus rapazes ascéticos, cabelos escovados e estandartes vistosos nas ruas, está pretendendo voltar ao Pará. Agora, o motivo será uma cruzada contra a ação dos bispos nas áreas onde se registram conflitos de terra, notadamente no sul do Estado. Para custear a ação, a TFP está procurando empresários, visando obter contribuições mensais, que vão de cinco mil até vinte mil cruzeiros mensais, dando a tais empresários títulos honoríficos, entre os quais o de comendador. Para barão é cinquenta. (20/8/80)

### 35 mil o hotel do cachorro

- A família do amigo viajou em "vacanze" (férias). Na volta mandaram buscar o cachorro no hotel especializado. Conta 35 mil cruzeiros. O amigo berrou e com razão. (21/8/80)

- O cidadão Alacid Nunes (não confundir com o governador) fez um contrato com o Banco da Amazônia para implantação da rede de energia elétrica em sua fazenda, no Marajó. (28/8/80)

- Sete Câmara vai fechar bingos, se os "caps" não colaborarem, como prometeram, com uma quota para a Fundação do Bem-Estar Social. (31/8/80)

### Fazenda de Alacid sobe para 18 milhões

- Tendo que fazer um financiamento junto ao Banco do Brasil, para a eletrificação rural de sua fazenda, Alacid ficou surpreso quando observou que a Alacidlândia, em Soure, adquirida há anos por Cr\$ 285 mil, foi avaliada, agora, se bem que recebeu muitas inovações, por Cr\$ 18 milhões. (6/9/80)

### A piscina do senador

- Aloysio Chaves, em sua casa (em Salinas), inaugurava, na sexta, a piscina, reunindo toda a sua família com seis filhos, sete genros e noras, tudo abastecido com delicioso churrasco preparado pelo genro Armando Teixeira. O batismo de quem chegava na casa do Senador, era o banho na piscina. Foi assim que o vizinho dele, Habib Frahia, foi jogado à piscina com roupa e tudo. Só Gerson Peres, invocando sua condição de vice-governador, foi poupado. (8/9/80)

### Palanque privado

- Le tout Belém colunável compareceu em Salinas neste fim de semana. Por motivo de força maior somente Sônia e Pedro Renda não foram, passando o 7 de Setembro hospedados no Hotel Grão Pará. "Et por cause": para acompanharem, de palanque "privé" o filho Leonardo, que desfilou no CPOR. (8/9/80)

- Mordomia: Ipasep restaurou casa em Salinas, pertencente ao Instituto, para férias dos dirigentes da entidade. Este Ipasep não se emenda. (29/9/80)

- Depois do banquete oferecido ao presidente Ernesto Geisel pelo então governador Aloysio Chaves, o "Lauro Sodré" vai abrir suas portas novamente, para outro jantar, desta vez para a Reunião dos Chanceleres da Bacia Amazônica. Marilda e Alacid vão ficar no patamar, recebendo os convidados. Será ainda este mês. (7/10/80)

- Com "open house", o deputado Jorge Arbage inaugurou sua mansão em Salinas. Foi no último "week end". (7/10/80)

### Pirarucu frescal

- "Tucunaré a moda da casa" será a "pièce de resistance" amanhã no jantar regado a vinhos chilenos, na casa de Everaldo Martins. O outro prato será pirarucu frescal. O deputado veio de Santarém carregado de peixe e recebe amigos amanhã, sem convites prévios, gente do PP, PMDB e PDS, do jacobismo e do alacidismo. (8/10/80)

- Amanhã o casal Marilda-Alacid Nunes anfitriã o casal Paulo Maluf, com jantar nos jardins da residência oficial. Decorado o cenário e cuidado especialmente para o "dinner" (jantar). (9/10/80)

- Foi decididamente um "flower party" a reunião promovida pelo casal Marilda-Alacid Nunes nos jardins do palacete governamental. Tudo perfeito. (12/10/80)

## GUERRILHA DO ARAGUAIA

## Familiares buscam seus mortos



Miguel Chikanka

A caravana dos familiares na AL

Por todo o final deste outubro, numa viagem difícil, tensa e profundamente emocionada, 14 familiares representando os 59 guerrilheiros do Partido Comunista do Brasil, tidos como mortos ou desaparecidos na Guerrilha do Araguaia, estarão tentando vasculhar a região - ou parte dela - em busca desesperada de algum indício mais concreto sobre seu fim. Até agora, como se sabe, o regime militar recusa-se terminantemente a emitir qualquer explicação sobre esta guerra de muitos meses, em que tropas militares estimadas em até 20 mil componentes massacraram perto de 70 guerrilheiros, de 72 a 74.

A caravana dos familiares chegou a Belém à noite do último dia 22, tendo à frente a presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia/RJ, Sra. Iramaya Benjamin. Entre os familiares estavam a esposa e a filha de Maurício Graboís, o irmão da guerrilheira Dinalva Oliveira Teixeira, a famosa Dina, a tia de Bergson Gurjão Farias, e o deputado Roberto Valadão (líder do PMDB no Espírito Santo), irmão e cunhado de Arildo e Áurea Valadão. A co-

mitiva foi recebida pelas entidades democráticas locais, à frente o Comitê Paraense pela Anistia da Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos, e seu coordenador, professor Alexandre Cunha.

A emoção da chegada marcou o resto da programação. Na manhã de quinta-feira, (dia 23) os familiares visitaram a CNBB, a Câmara Municipal (foram saudados pelo vereador João Marques - PMDB), e a Ordem dos Advogados do Brasil. Foram visitas muito tocantes, as lágrimas marcando a face de alguns. A OAB designou o advogado Paulo Fontelles de Lima, da CPT regional norte II, para acompanhar a caravana pela viagem ao sul do Pará. À tarde, houve uma visita à Assembléia Legislativa do Estado, onde os familiares foram saudados pelo deputado Lucival Fomalba, líder do PMDB. À noite, num debate promovido na sede da Sociedade dos Direitos Humanos a emoção chegou ao clímax. Foram poucos os parentes que conseguiram chegar ao fim de seu sempre dramá-



Miguel Chikanka

Dona Alzira, esposa de Maurício Graboís, constituente de 46, desaparecido no Araguaia

tico relato. Tomados pelas lágrimas, eles falaram de seus filhos, irmãos, noras, esposos, tão covardemente assassinados pela repressão. O clímax maior foi a leitura da carta do guerrilheiro Guilherme Lund - a última carta que ele enviou à família, e que foi cedida ao "Resistência" (veja abaixo) por sua mãe, dona Júlia Lund.

No dia 24, sexta, houve um debate com os estudantes universitários. À noite, a caravana seguiu, de ônibus, para Marabá. Ali, no domingo, o bispo d. Alano Pena oficiou ato litúrgico em memória dos guerrilheiros do Araguaia.

Pelas informações colhidas até antes da viagem a Marabá, nada indicava que a caravana à região fosse encontrar muita facilidade. Conforme telefonema do bispo de Marabá para a CPT, dias antes da chegada dos familiares, o Exército e a Polícia Federal percorreram, casa a casa, algumas regiões (como as estradas operacionais OP-1, OP-2, OP-3 e o povoado de Palestina), para proibir que os lavradores dessem qualquer informação.

## A ÚLTIMA CARTA DO GUERRILHEIRO "LUIZ"



Guilherme

Guilherme Gomes Lund - ou "Luis", seu nome de guerra - tinha 23 anos, em 1970, quando saiu de casa rumo à luta do Araguaia. Conforme sua mãe, dona Júlia Lund, ele estudou no Colégio Militar, no Rio de Janeiro ("foi onde aprendeu a odiar o fascismo") e depois entrou para a Faculdade Nacional de Arquitetura. "Em 68 foi preso com alguns colegas por estar distribuindo folhetos nas ruas. Processado, foi primeiro absolvido e, depois da promulgação do AI-5, condenado a seis meses, pena que não cumpriu. Passou o ano de 69 em Porto Alegre, onde tinha parentes. Lá - continua dona Júlia, que integra a caravana dos familiares - o vimos pela última vez em janeiro de 70. Mais tarde recebemos uma carta sua, datada de 2/2/70, vinda de São Paulo e colocada por baixo de nossa porta. Nela, ele comunicava que tinha tomado uma resolução muito séria, estava de mudança e não sabia o endereço. Foi a última notícia que tivemos dele".

Segundo Elza Monerat (que também participou da guerrilha) no Araguaia, Guilherme tinha o nome de "Luis", e morou com ela por muitos meses, passando por seu sobrinho. Guilherme desapareceu no natal de 73, no ataque militar contra o grupo de guerrilheiro Maurício Graboís.

Abaixo, sua carta:

## "A violência injusta gera a violência justa"

São Paulo, 2 de fevereiro de 1970

Queridos pais

Diante da situação atual é preciso que se encare seriamente a questão da nossa vida e a que dedicá-la. Andei pensando bastante no assunto e cheguei a várias conclusões. Na análise que fiz pesei tudo; coloquei o específico dentro do conjunto. No conjunto, sei que nada adiantará continuar a estudar, pela própria situação geral do país. Cada vez se torna mais difícil para os jovens se manterem neste estado de coisas. Não há perspectiva para a maioria dentro do atual status, muito menos para mim, que não consigo ser inconsciente ou alienado a tudo que se passa em volta.

Sobre as propostas que me fizeram, cheguei à conclusão de que não posso aceitar, não posso largar tudo. Seria atentar contra a minha própria consciência. E, para mim, essa consciência é algo de muita importância.

Minha decisão é firme e bem pensada, para mim nada vale o enquadramento dentro do esquema. No momento só há mesmo uma saída: transformar esse país - e o próprio governo é que nos obriga a ela. A violência injusta gera a violência justa. A violência reacionária é injusta, enquanto a violência popular é justa, porque está a favor do progresso e da justiça social.

O fato de eu não aceitar a proposta de vocês não muda nada minha atitude de filho para com vocês. Gosto e considero muito vocês, mas temo que não compreendam a grandeza do caminho que vou tomar, temo que não entendam a nobreza dos meus ideais.

Estou de mudança e não tenho endereço. Mesmo assim quero manter correspondência com vocês. Não se preocupem comigo. Estou bem e seguro, não estou sozinho.

Um grande abraço para todos, do Guilherme."



O deputado Roberto Valadão



Júlia Lund, mãe do guerrilheiro Guilherme (Luis) e Cirenny Barroso, mãe da guerrilheira Jana (Cristina)

## Lavradores realizaram encontro estadual

"Reforma Agrária Radical e Imediata". Foi este o tema principal do I Encontro dos Trabalhadores Rurais do Estado do Pará, que ocorreu em Belém nos últimos dias 27, 28 e 29, com a ativa participação de dezenas e dezenas de lavradores de várias regiões. Promovido pelos sindicatos de Oeiras do Pará, Santo Antônio do Tauá, Santarém, Curralinho, Viseu, Paragominas e São João do Araguaia, e pelas Oposições Sindicais de Baião, Cametá, Tomé-Açu, Nova Timboteua, Curuçá, Moju, Acará, delegacia sindical de Marabá e comunidade de Livramento (Barcarenas), o encontro terminou com a entrega de um documento às autoridades, no qual os lavradores alinharam suas principais exigências, a grande maioria diretamente ligada a uma solução urgente do problema da terra.

## A LUTA É NECESSÁRIA PELA REFORMA AGRÁRIA



1º ENCONTRO ESTADUAL DOS TRABALHADORES RURAIS DO PARÁ  
DIAS 27, 28 e 29 DE OUTUBRO  
BELÉM - PARÁ

## Educação

## As poucas (e péssimas) escolas de Marabá

Em dezembro do ano passado, os alunos da Escola Estadual de 1º Grau "Profa. Judith Gomes Leitão", em Marabá, fizeram os testes finais sentados no chão, por falta de carteiras (que até hoje faltam). Neste ano, as aulas tiveram início somente a 26 de maio (isso é tempo de começar ano letivo?). Motivo: falta de carteiras.

Para todo o município existem apenas três escolas de 2º grau, duas das quais particulares, que cobram "os olhos da cara". Resta a "Plínio Pinheiro" que, se tiver cinco aulas por semana já bate um recorde. Nela ainda existe uma tal prova de seleção. Se o aluno não passar, fica o ano inteiro sem estudar (a não ser que possa pagar as escolas particulares).

Há pouco tempo, na escola "Judith Leitão" houve um mutirão de limpeza (que é dever da prefeitura). Mas esses problemas não chegam ao "nosso" prefeito.

Os pobres estudantes que moram na Nova Marabá ou na Cidade Nova sofrem demais para ir estudar no centro da cidade, a velha Marabá. A falta de transportes é constante - e muitos perdem aulas por causa disso. Quando tem ônibus, são uns todos estragados, da empresa Transbrasiliana, que explora o povo cobrando passagens muito caras.

"Se os jovens são o futuro do Brasil, por que não educá-los, para que no futuro sejam cidadãos que honrem seu país?", pergunta dona Maria José, mãe de três filhos na "Judith". Ela, como as demais, estão querendo providências urgentes para melhorar o setor de educação, que vai de mal a pior, em Marabá, como no resto do Brasil. (Alberto Barros)

# MARANHÃO

Ridículo!

## Figueiredo não inaugura ponte "comunista"

Poeta já falecido que teve ligações com o PCB, que foi preso e submetido a IPM pelos golpistas de '64, mas que depois aderiu a Arena e tornou-se defensor do regime - um poeta assim pode ser nome de ponte?

Segundo o general Figueiredo, não pode de jeito nenhum. Foi o que ele disse, sem melas palavras e de cara fechada, ao governador do Maranhão, João Castelo, uma semana antes da inauguração oficial da ponte "Bandeira Tribuzzi", em São Luís.

A inauguração estava marcada para o dia 16 de outubro, com a presença do próprio Figueiredo, que nunca tinha ouvido falar no poeta Bandeira Tribuzzi, ex-comunista que se metamorfoseou em assessor do atual presidente do PDS, José Sarney, sob o argumento do "maior menor". Quem falou do poeta ao presidente foi o senador Luís Fernando Freire, do PDS, filho do famoso cacique maranhense Victorino Freire. Numa recepção, Luís Fernando chegou-se a Figueiredo e soltou essa:

— Como é, Presidente? O sr. vai ao Maranhão para inaugurar ponte com nome de comunista?

Após consultar o SNI, Figueiredo, que ficou irritadíssimo, chamou Castelo e impôs: tem que mudar o nome. Castelo explicou-se,

Sarney interveio e, por fim, chegaram a um acordo. Ficava "Bandeira Tribuzzi" mesmo, mas a ponte seria inaugurada antes da visita de Figueiredo, com o mínimo de alarde, juntamente com a outra obra de Castelo, o hospital do Instituto de Previdência do Estado do Maranhão.

Consta em São Luís que o governador chorou, numa reunião com auxiliares mais diretos. Deve ser exagero, mas o fato é que ficou chateadíssimo. E apavorado: em menos de dois dias, toda a propaganda da ponte "Bandeira Tribuzzi" foi retirada da cidade, uma exposição da maquete da obra mudou repentinamente de nome, e até mesmo a placa comemorativa da inauguração foi alternada: com esmeril, operários do DER tiraram a referência ao "Governo João Figueiredo".

A inauguração da ponte só foi anunciada no mesmo dia do evento, para que a repercussão fosse a menor possível. Na hora da festa, Castelo conseguiu discursar sem dizer uma só vez o nome "Bandeira Tribuzzi", substituído por "esta ponte", "esta obra", "este empreendimento", etc. Comportamento tão exemplar, porém, não foi retribuído: no discurso que pronunciou em Imperatriz, no dia 16, Figueiredo falou apenas das realizações do Governo Federal. (Walter Rodrigues, de S. Luís)

### SANTA LUZIA

#### Na defesa da terra, posseiros matam grileiro

Depois de perseguir e ameaçar durante seis anos os moradores do povoado da Floresta, um dos maiores do município maranhense de Santa Luzia (MA), o fazendeiro Cláudio Teixeira Pires encontrou finalmente a morte, no último dia 7 de outubro. Cláudio estava acompanhado de dois capangas quando tombou atingido pelas balas de vários lavradores, que ameaçara de morte.

O conflito entre Cláudio e o povoado da Floresta vinha de arrastando há muito tempo, com repetidas denúncias da Fase, do Sindicato Rural de Santa Luzia, de políticos da oposição e da imprensa. Ano passado, o "Resistência" publicou extensa matéria sobre o assunto, mostrando as violências que o fazendeiro vinha praticando contra os camponeses, na tentativa de apossar-se de suas terras.

O Estado do Maranhão promoveu uma ação discriminatória na área, mas isso não impediu que as provocações continuassem. Nas vésperas do tiroteio, Cláudio apareceu no povoado para exigir "indenização" pela morte de algumas reses, abatidas pelos lavradores em defesa de suas roças. Como se recusaram a pagar, o grileiro ameaçou: "Ou pa-

gam, ou vou resolver na bala". No dia seguinte, voltou ao povoado, para morrer.

A própria Lei brasileira admite que o posseiro pode defender com violência a sua posse, contra qualquer tentativa de esbulhá-lo, mas a Polícia maranhense, sempre impotente diante dos grileiros, entrou imediatamente em ação contra o povoado da Floresta. Seis pessoas foram presas, entre as quais o tesoureiro do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luzia e o delegado sindical da Floresta, Eleasir Costa Lima, o Zizi, enquanto toda a área era vasculhada por 70 soldados da PM, apoiados por agentes do DOPS e da Polícia Federal. Todos foram libertados após alguns dias, por absoluta falta de provas mas o inquérito prossegue.

Os lavradores da Floresta receberam a solidariedade do PMDB, PT e PDT, e de entidades como a FASE, CPT e a Sociedade Freitas Diniz (PT) e o deputado estadual Haroldo Sabóia (PMDB) denunciaram a parcialidade do Governo em favor dos grileiros do Maranhão. Só quem se omitiu foi a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Maranhão (Fetaema), que com isso confirmou sua reputação de peleguismo. (Walter Rodrigues, de São Luís)

#### Na visita de Figueiredo, violência contra o povo

O governador Paulo Maluf, de São Paulo, está fazendo escola no Maranhão, e não apenas quanto à manipulação dos dinheiros públicos. No dia 16 de outubro, quando Figueiredo visitou São Luís, o governador maranhense João Castelo aplicou o "know-how" da Freguesia do Ó contra os manifestantes que protestavam contra a instalação em São Luís do Projeto Alcoa: policiais sem tardo, mais facilmente identificáveis, agrediram dois manifestantes, rasgaram faixas e só não fizeram pior porque foram

postos a correr por dezenas de pessoas solidárias com o protesto, promovido pelo Comitê de Defesa de São Luís.

Essa não foi a única manifestação assistida pelo general Figueiredo em São Luís. Também os moradores do bairro do Sá Viana levantaram cartazes protestando contra o Governo do Estado e a Reitoria da Universidade Federal do Maranhão, que tentam expulsá-los da área. (Walter Rodrigues, de S. Luís)



As pichações contra Maluf

### Círio, políticos e pelegos

O Círio sempre provocou uma revoada de políticos a Belém, este ano enriquecida com a visita do notório Paulo Maluf, o Paulo Paulada da Freguesia do Ó. A novidade deste ano foi a revoada de sindicalistas pelegos. Para passar o Círio, esteve em Belém ninguém menos que o arqui-pelego Ary Campista, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI). Tão pelego que o Joaquinão (o superpelego do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo) lhe fez oposição na CNTI. Campista veio acompanhado do também pelego Onofre, tesoureiro da CNTI e participou de um concorrido regabofe no "Restaurante Colonial" (no Jôquei Clube), uma casa de pasto para trabalhadores com mais de cinquenta salários mínimos, e ainda assim muito abaixo daquilo a que está habituado Campista, um dos maiores "connoisseurs" de vinhos do Brasil, que viaja periodicamente à Europa para trocar de guarda-roupa, enquanto seus representantes comem o pão que o diabo amassa pois é o único que permite o arrocho salarial implantado pela "Redentora" de 1964, responsável também pelo desarquivamento de Ary Campista que havia perdido a Presidência da CNTI antes de 1964.

Outras figuras no Círio: Assis Bezerra, esse um pelego regional. É presidente da Federação Norte-Nordeste dos Empregados em Estabelecimentos Bancários, que juntamente com Wilson Moura, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito (CONTEC), estiveram aqui não só para o Círio, mas para uma conversa com Maurício Felipe Coutinho, que levou Carlos Levy às barras dos tribunais e conseguiu com denê-lo a seis meses de detenção por um crime comum. A conversa dos pelegos era para conseguir de Maurício a desistência de ingressar na justiça com duas novas ações, já em fase de redação pelo seu advogado Dr. Platinha. Maurício, é claro, impôs condições que evidentemente desmoralizariam ainda mais o já desmoralizado Levy, que, na moita, já se retratou em uma ação semelhante movida pelo Walbert Monteiro. É de se esperar que Maurício não se deixe iludir pela conversa mole dessas figuras e mantenha-se firme em sua decisão de processar novamente Levy, um radical de gogó e papel impresso, que na hora "H" mostra sua verdadeira face, bem diferente da máscara que costuma usar.

Quanto ao Paulo Maluf Paulada, foi bem sucedido e sentiu-se em casa: recebeu sonora vaia nas imediações do Bar do Parque e mereceu pichações no melhor estilo nas mangueiras de polainas, muros e postes. Nas ruas por onde passaria Maluf, Alacid, solícito anfitrião, mandou pintar de branco as pichações, o que Maluf deve ter estranhado pois essas pichações já fazem parte da paisagem por onde ele passa. A chamada grande e responsável imprensa moitudo, exceção para uma pequena foto no "ESTADO DO PARÁ", sem qualquer referência no texto. Aliás, nestes tempos de crise, os jornalões já não estão tão grandes e nem tão responsáveis, pelo menos no que diz respeito à responsabilidade de bem informar seus leitores. (Alencar)

### Outeiro e a SOTAVE

Mais um golpe contra as camadas populares está em andamento: é a fábrica de fertilizantes da SOTAVE, que está sendo construída na ilha do Outeiro. O que se deve perguntar logo é porque na ilha do Outeiro. Algumas pessoas, como o engenheiro César Bentes, irão afirmar que é porque em Outeiro se tem uma infra-estrutura e que se não fosse plantado agora acabaria se perdendo este projeto. Esta opinião, o dirigente do CDI - Companhia do Distrito Industrial - defendeu a

quando de um debate sobre a questão urbana.

O que muitos não sabem é que a SOTAVE é uma firma multinacional, de capital francês, e que se está seguindo a política oficial de entregar o Brasil, ao capital estrangeiro, sem ver as consequências.

A verdade é que com a fábrica de fertilizantes, Outeiro está fadado a desaparecer como opção de lazer para as camadas de poucos recursos. Sabe-se que a poluição de fertilizantes é uma das mais prejudiciais. Não venham dizer que no projeto está especificado o controle da poluição e que se ocorrer poluição a fábrica pode ser fechada. Nós perguntaríamos se este governo, que sempre facilitou a entrada do capital estrangeiro, terá condições de mandar fechar uma fábrica que esteja poluindo uma área de lazer das camadas populares? Para exemplificar: o Banco Mundial fornecerá um empréstimo de 16 milhões de dólares e participará no projeto com um capital de quatro milhões de dólares. O preço total é de 81 milhões de dólares, e a Sotave terá um porto privado. (Waldemar Azevedo)

### PDT abriga policial



Mas quem diria! O ex-arenista militante Ruy Dias, candidato a deputado federal em 78, com uma das campanhas mais racionais, a tira-colo com Jarbas Passarinho, grande inimigo das causas populares, surge agora, sem mais nem menos, como oposicionista. O arenista dedo-duro está agora no PDT, de Leonel Brizola, posando de democrata e ganhando destaque no boletim local do partido.

Mas essa ninguém engole. Em 78, é bom lembrar, Ruy Dias começou sua campanha dizendo-se candidato dos universitários. Mereceu o enérgico e imediato repúdio das entidades estudantis, e foi se aliar com o outro pelego, Alexandre Acha, então presidente do DCE, órgão que envolveu num mar de corrupção.

No mesmo ano, quando o general Figueiredo veio a Belém, Ruy Dias chegou ao cúmulo de dizer-lhe, no pé do ouvido, que a Sociedade Paraense de Defesa dos Direitos Humanos era "um reduto de subversivos e comunistas". Seu dossiê-policia ao general-presidente faria inveja ao DOPS, SNI e aos demais órgãos da repressão política. Na ocasião, o pelego levou outro repúdio público.

Assim, não dá pra entender, hoje, que o sr. Ruy Dias, que nunca mudou suas posições políticas, diga-se de Oposição. Fora com ele, pessoal do PDT. Lugar de pelego e policial é no PDS, o Partido da Ditadura Sempre. (Waldemar Azevedo)

# Povo do Jurunas luta por melhorias

A comunidade do bairro — COBAJUR — fala sobre o trabalho que vem

realizando, e conclama o povo a uma maior participação

O bairro do Jurunas, um dos mais populosos de Belém, é um bom retrato da situação difícil porque está passando hoje a maioria da população. Naquele emaranhado de ruas e passagens a miséria e a pobreza são uma presença constante: falta saúde, escolas, luz, água, alimentação, tudo enfim, de que o povo necessita. O sério problema das terras (disputadas com grileiros urbanos) nem de longe está resolvido. Basta ver os acontecimentos recentes na Passagem Santana, no coração do bairro, em que a Polícia Militar cometeu as piores violências: derrubou barracos, espancou e prendeu moradores.



Dona Raimunda: "a luta é necessária"

## A COMBATIVA COBATUR

Pois é neste bairro chelo de problemas sociais que se localiza e atua uma das comunidades mais antigas e combativas de Belém: a Comunidade de Base do Jurunas, COBAJUR, localizada à Rua São Silvestre, 17. Como outras comunidades de bairros, a COBAJUR significa, inicialmente, que o povo tem organização, que resolveu criar uma entidade para lutar por seus direitos.

Ela nasceu lá pelos idos de 1969

## NOVA LINHA

Ela nasceu lá pelos idos de 1969, na Passagem Limoeiro, em cima dos problemas (aterro, por exemplo), e depois foi se ampliando. Hoje tem um ambulatório (sede central) e sete Centros: os das Passagens Bom Jardim, Monte Alegre I, Paulo Roberto, Monte Alegre III, Limoeiro, Helena Dias e Jacó. Nem todos têm a mesma combatividade, alguns chegam a estar praticamente desativados. Mas esta situação foi profundamente discutida no mês de agosto, quando a entidade resolveu melhor definir sua linha de trabalho.

## ASSISTENCIALISMO

Um dos problemas foi o chamado assistencialismo. Ou seja: de repente, o pessoal reparou que a comunidade estava fazendo tudo que

era obrigação do Governo, apenas dando assistência, sem conscientizar a população para as causas dos problemas. Talvez por isso a participação do povo tenha diminuído, e seja, ainda hoje, muito pequena.

Para o aeroviário Luiz Alberto Braga, da coordenação da COBAJUR, acha que a participação é pequena "porque falta maior preparação do pessoal que está à frente". Ele pensa assim porque acredita que o povo só se mobiliza em cima de lutas concretas, e que falta melhor organizar este chamamento. Antônio Farias, comerciante, também da coordenação, tem uma outra explicação: "A situação em que o povo vive, com quase 24 horas dedicadas ao trabalho pela sobrevivência, sem ter tempo para mais nada". Para ele, "a própria situação em que o País vive é que obriga o povo a trabalhar tanto. A pessoa chega em casa cansada, e não tem condições de participar".

## A NECESSIDADE DE LUTAR

Dona Raimunda Nonata da Silva, operária, uma das fundadoras da COBAJUR, não concorda muito. Citando seu próprio exemplo (ela trabalha de 10 da noite às 5 da manhã, numa fábrica de castanha) ela acha que "os que trabalham são os que participam mais. Se o povo não participa é porque ainda não entendeu a necessidade da luta".

## COMIDA MASTIGADA

Toda a coordenação da COBAJUR presente na entrevista ao "Resistência", num domingo de manhã, concorda num ponto: o povo entra na luta pensando que o problema vai ser solucionado na hora. Como raramente acontece isso, a coisa se esvaíza. Foi assim com o problema das terras, que há algum tempo atrás conseguiu grande união e mobilização do bairro. "Nesse caso, conta dona Raimunda, eles queriam saber logo do resultado. Como não saía, achavam que a luta era besteira. Eles gostam da comida mastigada", critica a operária.

## O JEITO DE SEGURAR

Para a professora comunitária Domingas Caldas, "a pouca participação é devido ao antigo trabalho que a gente vinha fazendo, que era mais arranjar dinheiro para fazer as coisas". Foi assim no caso do ambulatório, uma grande vitória, sem dúvida, mas que apenas veio botar panos quentes no problema da saúde, outra obrigação do Governo. Domingas admite que "ainda não conseguimos um jeito para as pessoas continuarem na COBAJUR quando a luta desanima um pouco. Ainda não con-

## ELEIÇÕES DA UNE

Reunidos em Piracicaba (SP) entre os dias 13 a 16 últimos, quase seis mil universitários realizaram o 32º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), um passo definitivo para a reconstrução da entidade, iniciada em maio do ano passado. Até hoje, como se sabe, o Governo não reconhece oficialmente a UNE, mas dois ministros (o da Justiça e o do Trabalho) enviaram telegramas de saudações ao Congresso (de resto, recebidos com sonora vaia).

Entre outras coisas, o Congresso decidiu filiar a UNE a União Internacional dos Estudantes e à Organização Continental Latino-Americana de Estudantes, em relação às quais manterá independência e direito de crítica. Decidiu ainda lutar pelo boicote ao repasse (aumento dos professores que as escolas particulares jogam nas costas dos estudantes) e a federalização das escolas falidas e subsídios às escolas pagas sem fins lucrativos (escolas católicas e metodistas). Entre as lutas gerais foi tirada a Constituinte Livre Democrática e Soberana. Já no último dia 28, em todo o país, a UNE dirigiu um Dia Nacional de Luta pelos 12% do orçamento da União para a Educação. No próximo dia 14, está programado um dia de repúdio ao adiamento das eleições

municipais e de luta pela Constituinte.

Uma das decisões mais importantes foi a que optou por eleições diretas para a próxima diretoria. As eleições estão marcadas para os dias 12 e 13 de novembro próximos, e cinco chapas vão concorrer: "Unidade e Democracia", "Centelha", "Voz Ativa", "Viração" e "Liberdade e Luta".

Até fecharmos esta edição apenas duas dessas chapas tinham representantes paraenses: a "Voz Ativa" e a "Viração".



Rômulo (Voz Ativa) e Arnaldo (Viração): disputa quente

Miguel Chikaoka



A miséria é uma paisagem constante no Jurunas

seguimos segurar as pessoas". Ela acha que é sério o problema do trabalho, que deixa pouco tempo, mas considera que "se a pessoa estiver conscientizada, ela faz um esforço, como já aconteceu no auge da campanha pelo Direito de Morar".

## FALTOU SEMENTE

Outro membro da COBAJUR, Edmar Barbosa Cordovil, comerciante, acha que o problema "é reflexo do sistema implantado no País. O trabalhador não tem horas livres, diz ele, por causa do próprio regime capitalista". Ele pensa que as causas não são de hoje: "Se tivessem plantado uma boa semente naquela época do início, hoje se colheriam bons frutos. O negócio é que não foi feito um trabalho de conscientização, despertando o povo para uma visão mais ampla; as próprias entidades que estavam apoiando não estavam muito a par da conjuntura". Luiz Braga entra na conversa e lembra que "a repressão política em cima das camadas populares também tem amedrontado o povo".

## CONVITE À CRÍTICA

Na verdade, todos reclamam deste aspecto, porque muitas pessoas do bairro acham que eles são "subversivos", que querem fazer "agitação". É a propaganda do Governo, que quer desmobilizar a organização do povo. Para Edmar, "só com a participação do povo é que a COBAJUR vai mesmo para a frente". Ela acha que muitas críticas são justas, mas que devem ser feitas pelo pessoal que participa do trabalho, que dá a sua parcela de esforço.

Se as pessoas querem fazer crítica — ele convida — que venham trabalhar com a gente.

## HORA DE MUDAR

Outra opinião importante de Luiz Braga, é a de que a própria realidade vai mostrando que o povo não pode ficar sem lutar. O que adianta ficar dando consulta no ambulatório, se é a fome que está gerando a maioria das doenças? Pergunta ele. E responde: "Está na hora da mudança. E só abrir o olho para ver que o pau está cantando bem perto da gente".

## FALTA MAIS UNIÃO

Outro comunitário, o marítimo Benedito Cartagenes, há nove anos no Jurunas, acha que "falta o povo se unir com a agente. O povo tem que se unir, para levar a luta para a frente. Se a gente não se unir, nada pode ser feito".

Com essa disposição, de continuar o trabalho, é que a COBAJUR já começa a se transformar, a ficar mais animada. Os coordenadores anunciam eleições dos diversos centros para este mês de novembro. Nelas, democraticamente, vão ser escolhidos, os representantes mais combativos da população, que estejam dispostos a arregaçar as mangas para o trabalho. No ambulatório, sede central da entidade, também vão ser reiniciados diversos cursos, como de Direito Trabalhista, Direito da Mulher, Direito Sindical e outros. Através do "Resistência" eles fazem um apelo para que todos participem do trabalho

## LIVRARIA JINKINGS

Comércio e Representações

Rua dos Tamoios, 592 Belém, Pará

## ÚLTIMOS LANÇAMENTOS:

- "O Projeto Jari e os Capitais Estrangeiros na Amazônia" - Irene Filha 170,00
- "A Questão Agrária" - Carlos Marighella, Frangmom Borges, Mário Alves, Orlando Valverde, Paulo Schiling, Rui Facó 200,00
- "Palestra sobre a Democracia Soviética" - M. A. Krutogolov 220,00
- "História da Sociedade Soviética" - I. Poliakov, V. Letchuk, A. Protopopov 440,00
- "Seara Nova" - Miguel Arraes 180,00
- "O Despertar da Revolução Brasileira" - Marcio Moreira Alves 210,00
- "A Teoria Leninista da Revolução Russa e Actualidade" 465,00
- "A Quarta República", Edgar Carone 680,00
- "O Problema Florestal da Amazônia Brasileira" - Orlando Valverde e Tácito de Freitas 175,00
- "O que é Energia Nuclear" - José Goldemberg 80,00
- "O que é Teatro" - Fernando Pelxoto 110,00
- "O que é Cinema" - Jean-Claude Bernardet 110,00
- "O Crepúsculo do Macho" - Fernando Gabeira 320,00
- "A Igreja dos Pobres na América Latina" - José Queiroz 390,00
- "A Terra, o Homem, as Reformas" - Moisés Vinhas 240,00
- "Valor e Capitalismo" - Luiz Gonzaga de Mello 235,00
- "Sangue da Terra" - Brasil Hoje - Nº 2 - 250,00

Pelo reembolso postal ou pelos telefones 222-7286 e 223-6528



O presidente da SDDH no Congresso dos Sociólogos

## SOCIÓLOGOS

### Os resultados do Congresso Nacional

O II Congresso Nacional de Sociólogos, (23 a 26 de setembro) já pode ser registrado como um dos acontecimentos mais importantes desse ano para a nossa categoria profissional. Como em todo o encontro desse nível, sucederam-se falhas, algumas a nível de coordenação dos trabalhos. Porém de posse da avaliação coordenada pela diretoria da Associação Regional dos Sociólogos, sobre este encontro, vários foram os saldos positivos apontados, que cabe-nos aqui ressaltar.

No momento em que esta categoria profissional atravessa várias crises, e que ainda depende da regulamentação da profissão para sobreviver no mercado de trabalho, ter conseguido reunir cerca de mil pessoas entre profissionais e estudantes, das diversas regiões do país, em torno de um temário bastante relevante, é um dos indicadores mais positivos do saldo deste encontro. Levando-se em conta que este é um momento de especial importância para a Nação, quando as forças da sociedade civil começam a sobrepujar o autoritarismo do Regime instalado no país, acho que o próprio sentido do Congresso responde à validade e importância que o mesmo tenha significado para nós técnicos, cuja responsabilidade maior nos é atribuir a "auto-crítica social".

A "Carta do Recife", documento que encerra o espírito do Congresso, resultante do produto final dos grupos de trabalho, painéis e debates decorridos e discutidos, contém os seis temas básicos apresentados no Recife. A Questão Agrária foi analisada e discutida a partir de fatos concretos, todos resultantes da política governamental oficial para o setor que privilegia o latifundiário, o grande capital nacional e multinacional, tornando a situação vigente de violência, face a expansão do capitalismo e da grande empresa no campo.

Sobre os movimentos sociais urbanos discutiu-se esta experiência e luta, "gerada pelos problemas da atualidade: ocupação do uso do solo urbano e do apoio que o Estado tem dado à especulação e ao capital imobiliário", assim como a importância na luta dos trabalhadores por melhores condições de vida.

O debate sobre a questão democrática, identificou os "interesses internacionais que em nome da manutenção da taxa de exploração e lucro se opõem ao processo democrático de participação do povo nas decisões". Conclui-se que a conquista da democracia passa pela organização de uma ampla frente política que eclodirá em uma Assembleia Constituinte.

O painel sobre a crise nacional e a questão regional emergiu do fato do congresso ter se dado no centro do Nordeste, sem contudo basear-se em qualquer regionalismo que se opusesse aos interesses das regiões do país, em conjunto.

No enfoque sobre a formação profissional e o exercício da profissão de Sociólogo, reiterou-se a convicção de que "uma sociedade democrática exige uma Universidade Democrática" e o fato de que o sociólogo deve assumir papéis no apoio as lutas reivindicatórias, colocando-se a serviço dos movimentos populares, tornando-os instrumentos eficazes na luta do povo brasileiro "por uma sociedade democrática".

No enfoque sobre a violência, constatou-se "a generalização e o aprofundamento da violência vinda de cima para baixo, através de leis e atos repressivos contra a ativi-

dade política cultural, intelectual e de imprensa.

Nos enfoques sobre a Questão Agrária e questão da violência gostaríamos de ressaltar o brilhante desempenho do companheiro Humberto Cunha, presidente da SDDH, o qual acompanhou a delegação do Pará, a convite da Associação dos Sociólogos do Brasil e Associação Regional dos Sociólogos. Seus depoimentos, em base a fatos concretos da realidade amazônica (mais especificamente Sul do Pará e Região do Tocantins), fortaleceram a nossa participação (Delegação do Pará) no citado congresso. (Sandra Maria Zaire, presidente da ARS)

## BANCÁRIOS

### O fracasso da campanha salarial

Pelego e policial, o presidente do Sindicato

Carlos Levy,

desmobilizou a categoria

Sem dúvida a Campanha Salarial desse ano foi a mais fraca de toda história do Sindicato dos Bancários. Nunca, mesmo no período mais duro da repressão, houve tanta omissão e tanta manobra para desmobilizar os bancários.

Uma simples comparação da atual campanha salarial com a de 1979 comprova isso. Apesar da inércia da diretoria anterior, pelega como a atual, a comissão salarial escolhida em assembléia teve liberdade de atuação e promoveu dezenas de assembléias colocando os bancários, a cada passo das negociações dos banqueiros, a par dos proresos e dificuldades havidos. Os bancários tiveram oportunidade de participar e atuar, inclusive em um ato público com centenas de participantes, quando foi denunciada a população a intransigência dos banqueiros.

E na campanha salarial atual o que foi feito? Nada! O presidente do sindicato, Carlos Levy se arvorou na condição de presidente da comissão salarial, porém, evitou que a mesma funcionasse. Preferiu convocar assembléias para expulsar associados, em vez de mobilizá-los em torno de reivindicações legítimas, organizando-os como pressão contra os banqueiros.

Em vez de esclarecimentos, os boletins do sindicato passaram a trazer babaquices como "minha honra já foi comprada pelo ideal de servir à categoria". Ora, que honra? A do pelego que desmobiliza em época de campanha salarial? A do covarde que foge da luta e prefere a cômoda solução do dissídio? Para que serviu aquela "audácia" e "destemor" tão alardeado pelo autoproclamado "líder popular"?

É fácil (principalmente para um policial e agente do SNI) dedurar e caluniar líderes populares. O difícil é exercer de fato e de maneira coerente a função de líder na mobilização para enfrentar o banqueiro.

Mas o que vimos na atual campanha salarial? Nada mais que um traidor e acomodado querendo esconder sua covardia naquela chata verborrêia de que "os omissos, os corruptos, sabujos e corretores dos direitos dos trabalhadores combatem o sindicato mais atuante do Brasil. . ."

Enquanto os metalúrgicos dão ao Brasil uma lição de organização sindical, os petroquímicos através de mobilização conseguem amplas vitórias, os cortadores de

cana de Pernambuco derrotam os poderosos usineiros etc. . . os bancários de Belém ficam a mercê de um "bobo da corte" que procura divertir os banqueiros com suas fantarrônicas enquanto enfraquece os bancários pela desmobilização. E para enganar os incautos se auto-proclama o mais atuante. Possivelmente, porque transformou o Sindicato numa sucursal do INPS e o jornal do Sindicato numa revista cara e bem impressa, destinada a promover o culto da personalidade megalômano-esquizofrênica do policial-presidente, ao mesmo tempo em que ataca entidades democráticas e populares e dedura aos órgãos de segurança e colegas bancários, professores da UFPA e até mesmo um digno e respeitado Juiz Togado do TRT, que sempre tem tomado posições favoráveis aos trabalhadores na Justiça do Trabalho. (RJ-AS)

## PROFESSORES

### Por que fracassou a Marcha pela Educação?

Ao contrário do ano passado, quando chegou a reunir mais de mil pessoas, numa das mais significativas manifestações populares destes últimos anos em Belém, este ano, a Marcha pela Educação, promovida pela Associação dos Professores do Pará (A-PEPA), não teve o mesmo sucesso. A participação da categoria foi praticamente inexpressiva, ou não mostrou qualquer indício de crescimento político, como seria de se esperar. Por que?

#### FALTA "TRABALHO DE BASE"

Para o economista e professor Jaime Teixeira, presidente do Conselho Fiscal da APEPA, um dos motivos principais que explica a atual desmobilização da categoria é a ausência de um sistemático trabalho de base, nos colégios, que a Diretoria da entidade, como um todo, não está conseguindo encaminhar. "Isso é difícil, por causa da repressão que existe, mas não é impossível. Temos que passar por cima e arranjar um jeito de fazer este trabalho", diz Teixeira. Em determinado colégio, ele conta, houve um caso de ameaça de expulsão para um professor que estava distribuindo o boletim da APEPA. "Na época o pessoal da APEPA não reagiu, quando devia ter denunciado à imprensa, mostrando o autoritarismo da direção do colégio". Conforme o professor, aconteceram uns três casos deste tipo, "mas não houve resposta à altura e isso enfraqueceu as lideranças emergentes".



Jaime Teixeira, da APEPA

Jaime acha que "é preciso levar o trabalho para a base, de qualquer maneira. Se não dá pra reunir no colégio, reúne-se no bairro, na rua, mas tem que levar a coisa para o local de trabalho dos professores".

#### DIVERGÊNCIAS POLÍTICAS

Outra coisa que prejudica, conforme Jaime, é uma certa desunião da categoria. Este ano, por exemplo, a Associação dos Docentes da Universidade Federal do Pará (ADUFPA) não endossou a Marcha pela Educação, o mesmo acontecendo com as escolas comunitárias. Por isso, "foi uma marcha difícil". Jaime considera que a raiz dos problemas sejam determinadas divergências políticas (ainda não muito bem explicitadas, pela falta de debate), mas não admite que isso seja justificativa para a falta de união. "A ADUFPA, tinha mais é que apoiar a Marcha", diz ele. "A grande massa dos professores vai se unir em torno das questões imediatas, específicas, econômicas, e é aí que dá para fazer a união, independentemente das divergências de fundo".

#### APARELHO DO PT?

Jaime, que também faz parte da dire-

ção estadual do Partido dos Trabalhadores, localiza algumas dificuldades nas acusações de que a APEPA tenha se transformado num aparelho do partido. Ele não admite isso de forma alguma ("a prova é que na própria diretoria da entidade temos gente do PMDB"), e acha que "a coisa não é por aí, porque a opção político-partidária é pessoal". Em relação à ADUFPA, por exemplo, o professor explica que as divergências (com alguns membros da diretoria, porque outros apoiam a Apepa e são a ela filiados) localizam-se nessas infundadas acusações.

#### MUITO ADUBO

Jaime também reconhece as divergências internas na própria diretoria da APEPA, que diz estarem "em torno dos métodos de trabalho". Contudo, "essas divergências não chegam ao ponto de não podermos trabalhar". Outro erro cometido pela diretoria, conforme ele, foi o de "dar muitas tarefas para as lideranças emergentes, ou seja, matar a planta com muito adubo. Há uma certa afoitece em preparar novas lideranças. Assim", explica Jaime, "trazem as lideranças da base para a direção e elas se perdem".

#### CONGRESSO

Com tudo isso, entretanto, o trabalho não pode parar. Já no fim deste ano será realizado o II Congresso Estadual dos Professores, para, entre outras coisas, tirar as posições a serem levadas ao Congresso Nacional, a ocorrer em Recife no próximo ano. O grande tema será a construção de uma entidade nacional da categoria.

Além da preparação para o Congresso, outras lutas continuam na pauta, como a que pretende a aposentadoria aos 25 anos. "Vamos continuar denunciando que a proposta não passou no Congresso e retomá-la com maior impulso". Também se aproxima a campanha salarial, "uma ocasião propícia para mobilizar. Já estamos discutindo nos bairros de 15 em 15 dias. A luta continua", conclui Jaime Teixeira. (I m c)

## MOTORISTAS

### Sindicato lança campanha de filiação

Anos seguidos de peleguismo ainda não contentaram o ex-presidente do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários de Belém, Thaumaturgo Pontes. Agora, aliado aos empresários, ele continua a pressionar o novo presidente, Luiz da Costa Gonzaga Evangelista, conseguindo que o empresário proprietário da linha "Perpétuo Socorro" demitisse arbitrariamente, após três anos de trabalho.

Evangelista e a nova diretoria mal começaram a trabalhar (a posse oficial foi no último dia 23), e até de morte já foram ameaçados por membros da antiga diretoria pelega. O problema é a situação em que Thaumaturgo deixou o Sindicato - zerado e cheio de dívidas, com muitas irregularidades - e o pedido de auditoria que os novos dirigentes vão solicitar à Delegacia Regional do Trabalho.



#### A GREVE É JUSTA

Às voltas com a arrumação da casa, o Sindicato vai sair logo para uma ampla campanha de filiação. Também vão se tornar sistemáticas, conforme Evangelista, as denúncias contra as irregularidades das empresas. O sindicato também vai conscientizar a categoria para uma luta organizada durante a próxima campanha salarial. Ao contrário do ex-presidente pelego, Evangelista vê com naturalidade as possibilidades de uma futura greve. "A greve é muito justa. Se uma classe propõe a greve é porque ela tem condições. A greve em si é legal e é o motorista que vai dizer o que quer: se o índice oficial de aumento, ou a greve, para um aumento maior. Para mim, a greve é perfeitamente normal".

#### GASOLINA

Uma das primeiras denúncias que a nova diretoria vai fazer à DRT refere-se ao pagamento dos 30% de comissão que os motoristas recebem. Conforme está muito claro no dissídio do ano passado, a comissão deve ser paga sobre a renda bruta, incluindo o custo da gasolina. O que acontece atualmente, é que os patrões jogam o custo da gasolina só nas costas do motorista, pagando a comissão sobre a renda líquida. "Vamos apertar isso aí", diz Evangelista.

OPINIÃO

PASSARINHO x SIQUEIRA CAMPOS &amp; PMDB

## Solidariedade ao inimigo desleal

-R. A. Jinkings-

Descabida e inaceitável a solidariedade prestada ao senador Jarbas Passarinho pelo líder do PMDB, senador Paulo Brossard e outros. Esta solidariedade para com um inimigo declarado e desleal estimulou a que dois vereadores e alguns deputados paraenses manifestassem, também, suas notórias tendências de adeptistas em potencial. O coronel Jarbas - é preciso que se reafirme - não é um simples adversário. Trata-se de um agressivo porta-voz da direita empenhada na interrupção do processo de redemocratização do país. O sr. Brossard, aliás, vem claudicando nos últimos tempos. Ele, que teve uma brilhante atuação no tempo do governo autoritário de Geisel, que enfrentou como poucos o arbítrio por ocasião do imoral "pacote de abril", resolveu encerrar seus dias de opositorista da forma mais humilhante e indigna: traiu a bancada oposicionista e foi abraçar o sanguinário Videla; participou de uma homenagem ao carniceiro Pinochet; e agora toma partido na briga de comadres do PDS. Jarbas agradeceu Siqueira Campos mesquinamente, chamando-o de traidor, porque o deputado havia ajudado a derrotar o subserviente parecer do senador Aloysio Chaves, cujo comportamento no caso de Carajás ainda não foi bem esclarecido. Siqueira Campos revidou com a mesma violência, que é o método tradicional dos políticos das classes dominantes.

## Porta-voz da linha dura

A verdade é que Jarbas e Brossard são velhos companheiros de conspiração. Antes de 1964, Brossard conspirava no Rio Grande do Sul e Jarbas no Pará. Brossard, mais talentoso e de maior visão política, rompeu logo cedo com os golpistas de 1964 e se incorporou às forças da oposição. Sabia que em seu Estado, o Rio Grande do Sul, de firme tradição oposicionista, ele não prosperaria como integrante de um governo de traição nacional. Jarbas, político provinciano com pretensões a líder nacional, vaidoso como um pavão, portador de uma empáfia revoltante, desde cedo reconheceu que seu futuro estava estreitamente ligado ao do grupo mais reacionário e retrógrado do golpe. Transformou-se no porta-voz de militares e civis da chamada linha dura, que depois se envolveriam em atos de torturas e de corrupção.

## A velha bandeira do anticomunismo

Nessa qualidade, sempre apoiado e indicado pelo que existia de mais atrasado entre os remanescentes do golpe de 1964, Jarbas chegou a governador do Estado, onde cassou e demitiu juizes e funcionários públicos por questões ideológicas. Foi ministro do Trabalho para intervir nos Sindicatos e enchê-los de interventores pelegos e policiais e aplicar o "arrocho salarial", com a sua famosa tese de que o salário mínimo dava para o trabalhador viver com sua família e ainda fazer poupança. Foi ministro da Educação para executar a drástica Reforma Universitária, que desmobilizava o movimento estudantil para melhor aplicar os monstruosos decretos 228 e 477. Foi guindado a líder do governo no Senado para comandar a bancada de biônicos, gerada pelo "pacote de abril", que teve como um dos objetivos impedir que o povo participasse do processo de redemocratização, elegendo governadores e senadores comprometidos com as lutas democráticas. O coronel, sonha, agora, em dar um vôo mais alto: quer ser Presidente da República. Joga no retrocesso político e sabe que o seu futuro político não passa pela chamada abertura que os democratas tentam alargar, para transformá-la num instrumento das lutas democráticas e populares. E é por isso que o senador Passarinho retoma sua ve-

lha e esfarrapada bandeira do anticomunismo. Agride a parcela progressista do clero, que se incorporou a luta dos operários e camponeses. Prega a cassação de mandatos de deputados democratas que denunciaram torturas e violências da ditadura. Defende o capital estrangeiro que domina toda a economia nacional. Nega as prerrogativas do Congresso, para que este continue apenas omologando os atos da ditadura.

## Os dólares do IBAD

Antes de 1964, Jarbas Passarinho ganhava como tenente-coronel do Exército para conspirar contra a democracia. Ele já confessou inúmeras vezes que era o chefe da conspiração no Pará e nessa qualidade treinava fazendeiros do Marajó, latifundiários e alguns empresários para, de armas em punho, defender suas "sagradas propriedades" ameaçadas pelos comunistas. É sabido que os conspiradores recebiam gordas subvenções do INSTITUTO BRASILEIRO DE AÇÃO DEMOCRÁTICA, IBAD. Só em Pernambuco, segundo denúncias do sr. Miguel Arraes na CPI, o IBAD investiu, nas eleições de 1962, recursos maiores aos orçamentos de alguns Estados da Federação. Obtidos os resultados das eleições de 1962, fortemente influenciados pelo dinheiro do IBAD, de notória origem americana, passaram os golpistas a conspirar contra a democracia. Ora, se o IBAD derramou toda essa fabulosa quantia para eleger go-



Jinkings.....

vernadores e um congresso reacionário e comprometido em sua grande maioria, não iria se omitir no prosseguimento da luta pela liquidação definitiva da democracia. Supõe-se que muito dinheiro de origem estrangeira e nacional foi jogado nas mãos dos conspiradores, sem contabilização, é claro. Leia o livro de Eloy Dutra, "IBAD, SIGLA DA CORRUPÇÃO" e vejam como eram cínicos os tais conspiradores. O sr. Ivan Hasslocher, que coordenava os fabulosos recursos do IBAD, recusou-se na CPI a revelar os nomes dos financiadores, limitando-se a dizer que eram 126 cidadãos paulistas. Mas apenas numa de suas contas, no Banco do Canadá, Hasslocher movimentou, nos três meses que procederam às eleições de 62, 1 bilhão e 380 milhões de cruzeiros. Esse dinheiro - ficou provado - era de origem estrangeira, depositado em dólares. Os 126 contribuintes paulistas eram zapeação.

Não foi por outra razão que o golpe de 1964 teve como primeiras medidas: a) a revogação da Lei que limitava as remessas de lucros para o estrangeiro; b) acabar com a SUPRA, que esboçava uma reforma Agrária com a participação dos trabalhadores do campo, cujos primeiros sindicatos estavam sendo fundados; c) devolver aos donos as refinarias de petróleo desapropriadas; d) colocar na ilegalidade a UNE, o CGT, intervir em quase to-

dos os sindicatos e prender, cassar, demitir e assassinar os democratas.

## Saudades do AI-5

A reação violenta do senador Jarbas Passarinho no episódio Siqueira Campos, com cenas intercaladas de choro e ameaças de morte, faz lembrar Lênin quando diz que "no mercado é muito frequente que aqueles que mais gritam sejam os que desejam passar por boa uma mercadoria estragada". O senador Passarinho é ferino e grosseiro em suas críticas. Tem sido sempre o porta-voz dos chamados "duros". Foi relator da imoral Lei Falcão. Defendeu a vergonhosa prorrogação de mandatos. Votou contra a Anistia ampla, ele que puniu tanta gente. Votou contra as eleições diretas. Repudiou a volta das prerrogativas do Congresso, saudosos que está do AI-5, do qual foi signatário e cuja assinatura ajudou a degolar vários paraenses. Defendeu o mesquinho Estatuto dos Estrangeiros, cuja primeira vítima foi o padre Vito Miracapillo, que teve sua expulsão exigida pelos poderosos usineiros pernambucanos. Assim, como se pode justificar uma solidariedade do PMDB, que constitui uma frente democrática exatamente para derrubar os restos da ditadura? Pode o deputado Siqueira Campos ter sido frotista, ter outros defeitos, mas o que interessa, no momento, é sua posição contra o parecer Aloysio Chaves, que foi receber ordens de chefes militares para elaborá-lo.



acusa Passarinho

## Namoro com os integralistas

O deputado Siqueira Campos labora um erro quando acusa Jarbas de comunista. Embora ele tenha feito alguns discursos ao lado dos líderes da Aliança Nacional Libertadora, conforme a "Folha do Norte" (28-7-65), cedo se arrependeu e passou a namorar os integralistas. Manteve estreita ligação com os integrantes da célula comunista da Petrobrás, mas seu objetivo era melhor conhecê-los para depois prendê-los, demiti-los e perseguí-los. Inspirou e orientou duas invasões ao Sindicato dos Trabalhadores da Petrobrás: em 1962 e em 1964. Desta última vez ele mesmo assumiu a Superintendência da Petrobrás na Amazônia, para se vingar dos líderes sindicais, que haviam denunciado sua desastrosa passagem pela empresa. Depois passou o comando para seu colega e companheiro de conspiração, coronel Nélio Lobato. Juntos, demitiram mais de 3.500 trabalhadores. Os dirigentes do Sindicato foram demitidos sumariamente quando estavam presos, sem direito de defesa e coagidos pelas baionetas dos "revolucionários".

## ENTOES/AVALIAÇÃO

"Deve-se combater a Unidade Sindical"

Delegados da Oposição Bancária ao I Encontro de Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical (I ENTOES, Rio de Janeiro, 13 e 14 de setembro) Alexandre Pacheco Rodrigues e Anazilda Sequeira, produziram o documento "Contribuição para uma avaliação do ENTOES", do qual publicamos os trechos mais importantes:

• Foi muito discutida no encontro a questão da Unidade Sindical e do CONCLAT. Foi tirada a posição de que os sindicalistas combativos e as Oposições Sindicais deveriam participar ativamente da organização do CONCLAT (CONGRESSO DA CLASSE TRABALHADORA) e tentar mudar as propostas cupulistas e reformistas que estão sendo levadas, garantindo no Congresso a participação das Oposições Sindicais e demais grupos de trabalhadores, haja vista que a proposta inicial do CONCLAT é a de que participem apenas Dirigentes Sindicais, o que garantiria a hegemonia dos pelegos.

• Quanto à Unidade Sindical foi aprovado o seguinte: 1 - Deve-se combater a Unidade Sindical, enquanto um instrumento que vem servindo a uma prática cupulista, burocrática, pelega e autoritária e que por esse caminho pretende se transformar num comando ou numa central sindical sob o comando dos reformistas e pelegos; 2 - Reconhece-se a necessidade de se manter articulações e contatos entre os diversos Sindicatos, mas não se reconhece uma articulação de cúpula como sendo representante dos trabalhadores, já que não foram eleitas pelas bases para desempenhar esses papéis. Inclusive, se for possível, deve-se se tentar atrair para o lado do sindicalismo combativo e democrático os setores que participam da Unidade Sindical iludidos com as campanhas dos reformistas e movidos pelo desejo de se criar uma articulação entre os sindicatos. O que não se deve apolar é toda uma estrutura burocrática e autoritária, organizada para servir a política de certos setores reformistas em aliança com os pelegos.

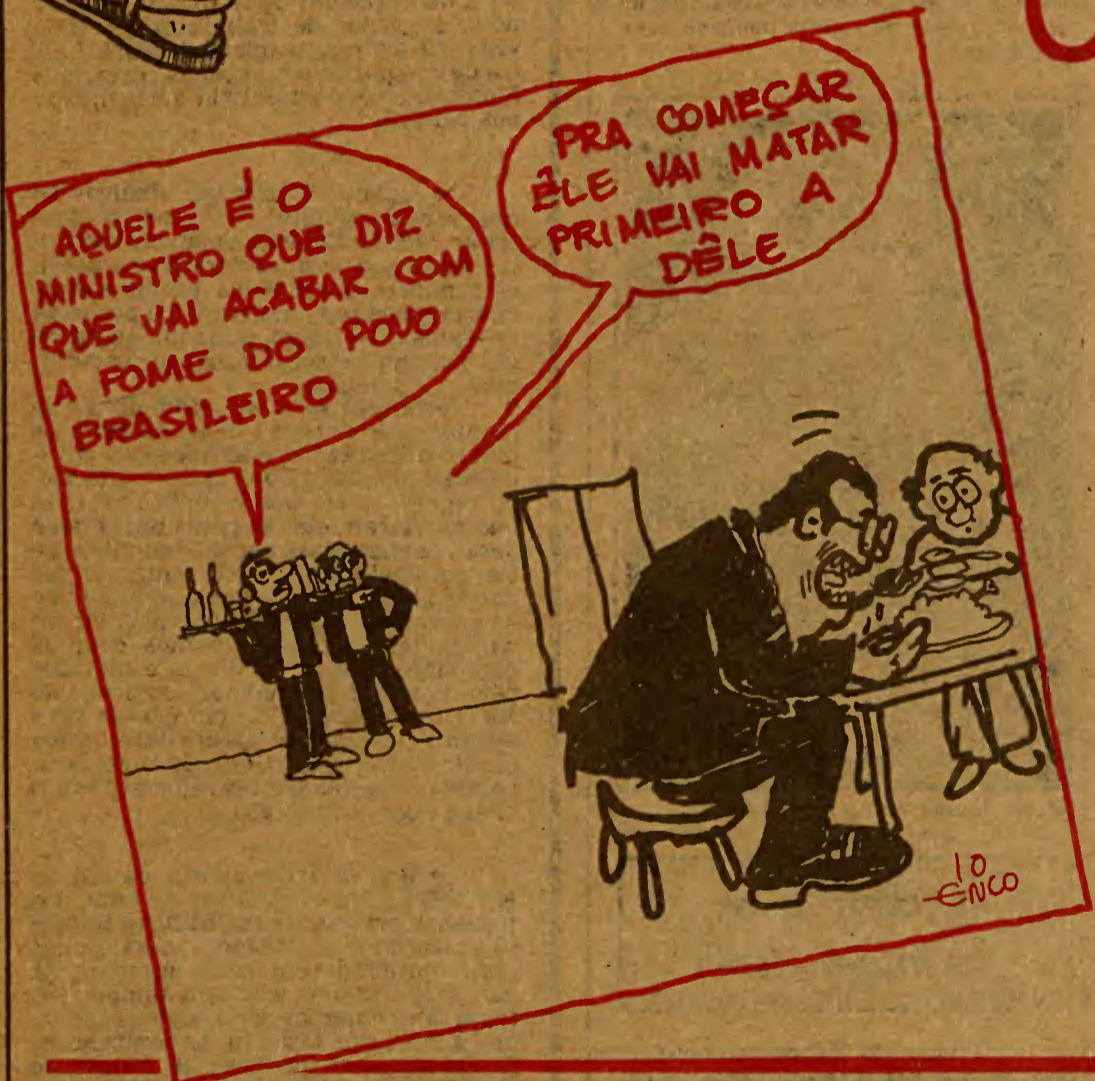
• Apesar da proposta básica do ENTOES ser a de unificar as lutas dos trabalhadores, os Trabalhadores Rurais se sentiram prejudicados e sem espaço para aprofundarem suas questões, já que as discussões giravam sempre em torno de problemas mais afetos aos trabalhadores urbanos. Muitos camponeses já ameaçavam inclusive se retirar do encontro, quando, por pressões de grupos mais esclarecidos, foi conseguida uma hora para falação apenas dos trabalhadores rurais, quando foram colocadas por eles questões importantíssimas, de forma simples, mas com muita propriedade e seriedade.

• Algumas resoluções tiradas no encontro: formação de uma Coordenação Nacional do ENTOES, com caráter executivo; formação de coordenações estaduais; ficou decidido que a comissão nacional seria tirada posteriormente e que seriam feitos encontros regionais para formar a comissão regional (prazo 60 dias); abrir o encontro a outras categorias que ainda não participam do mesmo; participação ativa no CONCLAT; algumas bandeiras de luta como: - estabilidade no emprego, apoio as campanhas salariais, apoio as verdadeiras oposições sindicais, construção de uma Central Única dos Trabalhadores, pelo direito de greve, estabilidade para as chapas derrotadas em eleições sindicais na mesma proporção da chapa vitoriosa, reforma agrária radical, etc.

# RESISTENCIA



# CACETADA!



**Informe Amazônico**  
**OURO**  
 Outra descoberta...  
 A descoberta de ouro em terras brasileiras é uma notícia que sempre atrai a atenção do povo brasileiro. Desde o descobrimento do ouro em Minas Gerais, a busca por este precioso metal tem sido uma das principais atividades econômicas do Brasil. Atualmente, a descoberta de ouro em terras amazônicas é considerada uma das maiores esperanças da população brasileira. Segundo especialistas, a região amazônica possui grandes reservas de ouro, o que poderia transformar a região em um dos principais polos econômicos do Brasil. No entanto, a exploração do ouro na Amazônia enfrenta grandes obstáculos, como a falta de infraestrutura e a resistência das comunidades locais. Apesar disso, a busca por ouro continua a atrair milhares de brasileiros para a região amazônica, em busca de uma vida melhor e de uma oportunidade de enriquecimento.

**NANICO**  
 JORNAL DE APOIO DE ATIVIDADES E LUGARES DE COMUNICAÇÃO  
 OS ESTUDANTES DIVERGEM E O MOVIMENTO AVANÇA  
 Dom Alberto, impopular, faz revelações inéditas

Faça uma assinatura dos três jornais alternativos do Pará  
**Cr\$ 800,00 por dia!**  
 É quanto você pode ganhar fazendo assinatura do jornal "Resistência". Colabore com a imprensa alternativa. É só procurar o companheiro Walteir Costa, na sede da SDDH.

**RESISTENCIA**  
**LULA ACUSA:**  
**"Jarbas Passarinho age como um nazista"**  
 Na maior entrevista já concedida à imprensa nacional, o líder sindical Luiz Inácio da Silva, presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, fala sobre dezenas de assuntos: Constituinte, Reforma Agrária, Jari, Ditadura, etc...  
**Possesiros acham GETAT pior do que o INCRA!**  
**Jinkings reafirma: Levy é policial**

